



ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JOYCE SILVA MORAES PESSIN

A variação da concordância nominal no falar vila-belense

PONTES E LACERDA - MT

2012/2



ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO - UNEMAT
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
FACULDADE DE LINGUAGEM E ZOOTECNIA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

JOYCE SILVA MORAES PESSIN

A variação da concordância nominal no falar vila-belense

Monografia de conclusão de curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso- Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduada em Letras sob a orientação do Professor Dr. José Leonildo Lima.

PONTES E LACERDA - MT

2012/2

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

Orientador: Prof. Dr. José Leonildo Lima

Examinadora: Prof^a. Ms. Ana Maria Macedo

Examinadora: Prof^a. Ms. Joil Antonio da Silva

Pontes e Lacerda, MT.

2012/2

Epígrafe

Somos nós, os falantes, que imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de comunicação e interação. Não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade, que muda a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente.

(Marcos Bagno)

Dedicatória

Dedico aos Três Autores e Sustentadores de minha vida. Minha razão de ser. Pai, Filho e Espírito Santo. O primeiro é o criador de tudo, o segundo me salvou, libertou-me e curou-me de todas as enfermidades causadas pelo pecado e, o terceiro é meu amigo, habita em mim e me dá forças para seguir a longa e breve caminhada do cristianismo.

À minha filha Hellen Beatriz, perdoe-me por ter antecipado tudo e com isso perdido quatro preciosos anos de sua vida.

Ao meu esposo Mauro Sergio Pessin, um presente de Deus, meu amigo e companheiro leal. Sempre me deu força e incentivo para que pudesse realizar essa importante etapa de minha vida.

Aos meus pais Ângela e Julião Neto Moraes, verdadeiros exemplos de caráter e garra.

Aos meus irmãos Girderclei, Edivania, Wesley, Nelson e Karla Juliane. Aos sobrinhos e demais familiares.

À minha família da fé representada pelo Pr. Pedro C. Correa e a meus amigos de turma representados pela pessoa da Angélica O. I. Amaral. Foi um prazer conhecê-los e compartilhar bons momentos jamais repetíveis.

Agradecimentos

Agradeço a Deus pela oportunidade de participar e concluir um curso de graduação. Agradeço pela vida, força, paciência e perseverança, sem a qual jamais concluiria esse trabalho e tudo o que este representa.

Agradeço a minha filha e meu esposo pela compreensão nos momentos ausentes e por acreditarem em minha capacidade de vencer. Amo vocês!

Agradeço aos meus pais pelo amor, pela educação, pela torcida e por ter me criado com carinho. Vocês me ensinaram a dar os primeiros passos para a vida. Obrigada!

Aos meus irmãos pelas palavras de incentivo e força.

Agradeço ao meu orientador, professor José Leonildo Lima por ter crido em minha capacidade de realizar esse importante Trabalho de Conclusão de Curso e pela disposição em me ajudar nos momentos de incertezas e pelos direcionamentos. A sua orientação tornou possível a conclusão desse trabalho. Em seu nome estendo meus agradecimentos aos demais professores do Departamento de Letras.

Agradeço aos meus amigos de turma pelo companheirismo, cumplicidade e amizade. Juntos compartilhamos momentos felizes que jamais se repetirão. Estendo agradecimento também aos meus colegas de viagem (Vila Bela /UNEMAT/Vila Bela) que carinhosamente chamo de a galera do Busão que juntos, fizemos do ônibus um lugar de estudar, dormir, comer e gargalhar.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu pudesse concluir esse curso.

Obrigada por tudo!

Sumário

Introdução.....	10
------------------------	-----------

Capítulo I

1.1 Vila Bela da Santíssima Trindade MT: sua constituição, sua cultura, sua gente.....	12
1.2 Localização.....	14
1.3 Tradição.....	14
1.4 Vila Bela atualmente.....	16

Capítulo II

2. 1 Referencial teórico.....	18
2.2 A concordância nominal	21
2.3 A concordância nominal segundo Rocha Lima e Cunha & Cintra.....	21
2.4 O gênero.....	24
2.5 O número.....	26
2.6 Conceito de gênero segundo Lopes.....	28
2.7 Sociolinguística: constituição, objeto e conceito.....	31
2.8 A variação linguística.....	33

Capítulo III

3.1 Metodologia	39
-----------------------	----

Capítulo IV

4.1 Análise	40
-------------------	----

4.2 Determinantes e adjetivos antepostos ao nome.....	41
4.2.1 Variável idade: entre 18 e 30 anos.....	41
4.2.2 Variável idade: acima de 50 anos	44
4.3 Determinantes e adjetivos pospostos ao nome.....	46
4.3.1 Variável idade: entre 18 e 30 anos.....	47
4.3.2 Variável idade: acima de 50 anos.....	51
Considerações finais.....	54
Referencias.....	56
Anexo.....	59

Resumo

A presente monografia alvitra uma análise fundamentada na gramática normativa da língua portuguesa e na sociolinguística. O objetivo é observar o funcionamento morfossintático da concordância nominal no falar vila-belense. Para isso, notamos por um período aproximado de 30 dias as falas de 8 pessoas sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino pertencentes a faixa etária de 18 a 30 anos e acima de 50 anos de idade, para verificar em qual dessas variáveis (idade e sexo) há maior índice de recorrência da concordância nominal. Para que a pesquisa fosse possível de ser feita, embasamos em pressupostos dos estudiosos da área da Linguística, Sociolinguística, das Gramáticas Normativas de Rocha Lima e Cunha e Cintra, de artigos e teses que versam sobre assuntos correlatos. No primeiro capítulo mostramos um pouco sobre a história de Vila Bela da Santíssima Trindade, sua fundação, sua cultura, sua gente. No segundo capítulo é onde se concentra a discussão acerca das teorias utilizadas, no terceiro capítulo apresentamos nossa metodologia para a coletas dos dados analisados. O quarto capítulo consiste na análise do corpus coletados e a que conclusão chegamos se há variação da concordância nominal no falar dos vila-belenses ou não.

Palavras Chaves: Variação linguística, sociolinguística, concordância nominal.

Introdução

Vila Bela da Santíssima Trindade é uma cidade que se localiza no interior do estado de Mato Grosso a aproximadamente 500 km da capital, Cuiabá. Como poucas cidades do estado, a primeira capital é historicamente conhecida por sua importante contribuição na conquista de territórios contra os espanhóis na região do vale Rio Guaporé. É conhecida também pelas belezas naturais que a contemplam, pela sua secular tradição que, anos após anos, por meio de sua dança, vem reafirmando sua raça, sua crença, sua culinária e, conseqüentemente, sua linguagem. É nesse contexto que nossa pesquisa se instaura. Objetivamos nesse trabalho pensar a variação da concordância nominal no falar vila-belense.

O interesse por esse recorte surgiu com base no nosso conhecimento empírico acerca da comunidade de fala de Vila Bela da Santíssima Trindade, na qual observamos que seus falantes não marcam a concordância do gênero entre o nome e o adjetivo, isto é, o adjetivo e demais determinantes não se flexionam/variam para concordarem com o nome. Vejamos um exemplo: *cabeça branco*. Essa construção não segue o padrão prescrito por Lima (2001, p.305) que diz : “se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o número o gênero deste”. O que nota-se é que o adjetivo *branco* não se flexiona para concordar com o substantivo feminino *cabeça* na expressão em destaque. Soma-se a isso, o fato de a cidade possuir 260 anos de história e conter poucas discussões comprometidas em pensar a sua linguagem.

Partimos da variável idade e sexo para observar em qual desses fatores extralinguísticos a concordância nominal, ou a sua variação, é mais recorrente. Observamos também em qual estrutura sintática do sintagma nominal, passível de concordância com o nome, sofre mais variações, se quando os determinantes estão antepostos ao nome ou quando estão pospostos ao nome. Enfim, e em qual das variáveis sociais isso é mais recorrente.

Nosso aporte teórico parte dos pressupostos de gramáticos como Rocha Lima (2001) e Cunha e Cintra (2001), de estudiosos da área da Linguística e Sociolinguística como Alkmim (2001), Bagno (2009), Ilari (2006), Tarallo (2002), Travaglia (2002), Mollica (2010) Paiva (2010) entre outros.

O presente trabalho estrutura-se em quatro capítulos sendo que no primeiro, fazemos uma abordagem histórica sobre a constituição de Vila Bela da Ss. Trindade. Nesse

capítulo abordamos também questões culturais como as festas e danças realizadas em Vila Bela e trazemos alguns dados atualizados acerca da população e economia da cidade.

No segundo capítulo, com base nos pressupostos dos gramáticos Cunha & Cintra e Rocha Lima, apresentamos as definições sobre a concordância nominal, sobre a formação do gêneros e número e determinantes que se relacionam com o nome do sintagma nominal. Ainda nesse capítulo apresentamos o conceito, objeto e constituição da Sociolinguística e discutimos acerca da característica mutável da língua, foco da variação linguística.

No terceiro capítulo falamos sobre nossa metodologia de pesquisa. No quarto, apresentamos nossa análise em que discutimos os dados coletados e a que conclusão chegamos.

Capítulo I

1.1 Vila Bela da Santíssima Trindade: sua constituição, sua cultura e sua gente

Vila Bela da Santíssima Trindade foi fundada em 1752 com o intuito principal de assegurar as terras conquistadas pela Coroa Portuguesa a oeste da Ilha de Cabo Verde que pertenciam à Coroa Espanhola, segundo o tratado de Tordesilhas “firmado depois de dois anos do descobrimento da América em 1494” (SIQUEIRA, 2002, p.24):

A movimentação da fronteira humana terminou por fixar limites geográficos, pois a ocupação desses territórios deu garantia de sua posse a Portugal. Como resultado, as fronteiras portuguesa e espanhola terminaram por se encostar na região do rio Guaporé, que se avizinhava com o reino do peru, próximo a Santa Cruz de La Sierra, capital de Chiquitos. A Coroa portuguesa, considerando a distância das minas descobertas no extremo Oeste da Capitania de São Paulo resolveu criar uma nova: a de Mato Grosso, através da Carta Régia de 9 de Março de 1748, nomeando, para governá-la, um nobre lusitano, D. Antônio Rolim de Moura. Antes de partir para o Brasil, o primeiro governador da Capitania de Mato Grosso recebeu, das mãos da rainha Maria da Áustria, esposa do adoentado rei português, D. João V, uma série de instruções [...] Fundar a capital da nova Capitania no vale do rio Guaporé. Fundar uma aldeia jesuítica para os índios mansos. Incentivar a criação de gado (vacum e cavalar). Conceder privilégios e isenções de impostos àqueles que desejassem residir nas imediações da nova capital. Construir, na nova capital, residência para os capitães-generais. Agir com muita diplomacia nas questões de fronteira, evitando entrar em confronto em aberto com os espanhóis. Tomar cuidado com os ataques dos índios bravios, especialmente os Paiaguá e Guaicuru.[...] Incentivar a pesca no rio Guaporé. Informar sobre a viabilidade de comunicação fluvial como a Capitania do Grão-Pará (SIQUEIRA, 2002, p. 40,41).

Da criação da carta régia à fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade levaram-se quatro anos aproximadamente. Em 1752 tornou-se a primeira capital mato-grossense. Segundo Bandeira (1988, p. 51), “em 1780 a população de Vila Bela e seus arraiais somava 5.199 habitantes”, de acarco com essa autora três ou quartas partes desses habitantes eram mulatos, negros e mestiços. Esse registro fora feito por Luiz Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres.¹ Entre o final do século XVIII e o início do século XIX a população era

¹ Segundo Bandeira, registro feito no mapa de toda povoação da Capitania de Mato Grosso e Cuiabá.

essencialmente mulata e negra. O que percentualmente corresponde a 91% de mulatos e pretos, 7% de brancos e 2% de índios, segundo Bandeira (1988)

Vila Bela constituía a rota mercantilista que dava vazão ao ouro produzido pelas minas de Mato Grosso para os estados, como o Pará, o que contribuiu significativamente para o aquecimento da economia vila-belense e conseqüentemente para o aumento populacional da nova capital.

Durante o período “compreendido 1752 e 1800 a cidade viveu momento de glória e esplendor” (LIMA 2000, p. 26). Contudo, no decorrer do tempo diminuiu-se a produção de ouro da região e, por conseguinte, o movimento comercial. Além disso, a cidade se revelou um lugar doentio devido à “falta de salubridade, comum obtenção de doenças na população e o intenso trabalho escravo, que juntamente aos maus tratos, reduzia a vida útil desta mão de obra” (BERLANDI *et alii* 2010, p. 666). Esses fatores revelaram a primeira capitania como um lugar não favorável à habitação de qualidade.

Foram esses os principais motivos que suscitaram o processo de transferência da capital para Cuiabá, processo que, segundo Lima (2000), fora encabeçado pelo Capitão-General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho. “A questão só foi resolvida, definitivamente, em 28 de agosto de 1835, com a publicação da lei nº. 19, declarando Cuiabá como a nova sede do governo” (Idem, p. 25). A cidade a partir daí, de acordo com Bandeira (1988, p. 56) sofreu com o decréscimo de 48% o que resultou numa “irrecuperável sangria populacional reflexos deteriorantes sobre a economia já instável”.

José de Mesquita (1928), escritor mato-grossense, através do conto “Renuncia” extraído de sua obra intitulada **A Cavallhada – contos mattogrossenses** nos permite visualizar, ainda que por meio da ficção, a dimensão do abandono ao qual a primeira capital se encontrou após a mudança da sede do governo para Cuiabá. Acreditamos ser muito relevante aqui citá-lo:

E ao percorrer, sozinho aquellas ruas tristes e desertas, de onde parecia exhalar-se um bafio desolador de ruína e decadência, ao rever aquellas antigas construcções, de algumas das quaes só restaram o alicerces de pedra, as certidões, como na sua linguagem expressiva os chamam os caipiras, mostrando a ossatura dos esteios de aroeira, Juca sentiu-se mais do que nunca ligado aquellas ruínas, preso aquella grande tapera abandonada. Passando por aquellas praças desertas, que o matto invadia, reconquistando os seus direitos que na terra que o homem ingrato abandonara, olhando aquellos enormes edifícios – o faustoso Palácio dos Capitães-Generais, a igreja da SS Trindade e a de S. Antonio, o velho e o magestoso caes sobre o Guaporé [...] (MESQUITA 1928, p. 51).

Como foi possível observar, “os negros herdaram uma cidade em ruínas. Eles mesmos se encontraram arruinados e dispersos pelas condições que foram deixados pelos brancos que se mudaram para Cuiabá” (LIMA, 2000, p. 28). Apesar desse triste cenário e da lastimável situação em que os negros se encontravam, segundo Araújo (2002), eles tinham um ponto favorável:

A terra de julgo, de fizera liberdade. Da prisão, abrira-se o futuro. Resgatando suas forças para desenhar seu próprio destino os negros de Vila Bela cultivaram o solo, colheram e semearam o sentido fecundo da liberdade. Assim sob os ritmos das enxadas, o chão e o sonhos que dali brotaram foram retraçados e rasgados pelo impacto de lâminas e de símbolos da nova vida que crescia, fervilhante, às margens do Rio Guaporé. Aquela comunidade que, sobre a terra apenas escutara o barulho dos grilhões, repartia agora o solo-canaã. (Idem, p. 28)

O cultivo da terra (plantio e colheita) e o extrativismo foram meios de sobrevivência para a população remanescente que, segundo Lima (Idem, p. 28), se empenhou no cultivo da poaia e da borracha.

1.2 Localização

A unidade territorial de Vila Bela da Santíssima Trindade é compreendida por uma área de 13.420,990 km² com aproximadamente 14.770 habitantes conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE - 2012. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – 2012, “Limita-se ao norte com o município de Comodoro, a leste com os municípios de Pontes e Lacerda e Nova Lacerda e ao sul e a oeste com a República da Bolívia. Está situado na bacia amazônica, a 198 metros acima do nível do mar” (LIMA, 2000, p. 21).

1.3 Tradição

Vila Bela oferece como forma de manifestação cultural, além da culinária e bebidas típicas, a grandiosa festança comemorada anualmente no mês de julho. Trata-se da festa do “Divino Espírito Santo, Dança do Congo, Festa de São Benedito e da Santíssima

Trindade” (CARVALHO, 2002 p. 08) e agregada a ela a Dança do Chorado. A festa é essencialmente de cunho religioso, mas permite englobar em seu conteúdo a realização de ritos, que para o catolicismo, eram tidos como pagãos. É por isso que Araújo (2002, p. 08) a descreve como “profana e sagrada” e explica:

O sagrado exteriorizado na festança deixa transparecer a presença do catolicismo na vida social e cultural de Vila Bela, marcando a fé cristã entre os negros, e o profano é sugerido pela miscigenação entre o catolicismo e o os significativos rituais africanos. A religiosidade despertada pela festa acaba por fazer com que a fé cristã se sobreponha aos aspectos mundanos, e mantenha o seu sentido mais profundo. A comida, o foguetório e o baile fazem dela uma comemoração popular, que toma a cidade com a folia atravessando a madrugada. A música, a dança e a fé sintetizadas na celebração ganham praças e ruas, que se torna território livres sem os limites cotidianos numa grande confraternização, que parecem querer revelar muito mais do que nos conta sua história (Idem, p. 08).

A festa do Divino Espírito Santo funciona como uma espécie de “abre-alas” da festança, e celebra a misericórdia. “Compreende duas sequências rituais: os preparatórios caracterizados pela folia, rezas levantamento de mastro e alvorada dançante; e os rituais propiciatórios que são a reza solene ou a missa, [...] e os banquetes.” (CARVALHO, 2002, p. 46).

A festa de São Benedito é realizada no decorrer da do Divino Espírito Santo, isto é, em meio às celebrações das rezas e os finais das missas são destinados a cultuar o santo negro, conforme explica Lima (2002):

Os cantos são executados pelo coral da comunidade denominada de **Coral da Consciência Negra**. É tradição, no final da missa, o padre dar a bênção do Santíssimo Sacramento em ação de graças a São Benedito. O canto **Vinde meus irmãos**, cantado sempre no final da missa com o intuito de louvar o São Benedito, afeta a alegria coletiva a ponto de muitas pessoas chorarem durante a sua execução (Idem, p. 61). (grifo do autor)

A Dança do Congo, segundo Carvalho (2002) “é uma luta milenar” um teatro realizado a céu aberto, como se fosse um jogo “de memorização repleto de palavras e expressões africanas” (Idem, p. 72). Os personagens são muito bem trajados, há muitas cores em suas vestimentas de guerra, são munidos com armas artificiais, como espadas de madeira. Doze guerreiros formam o exército do Rei Bamba, segundo Carvalho “entidade ausente representado por seu embaixador” (p. 72). A personagem principal da Dança do Congo é o

Rei do Congo e apresenta-se acompanhado de seu secretário de guerra e do seu filho Kanjinjin.

A dança do chorado é constituída por mulheres; trata-se de “um rito cheio de sedução” (Idem, p. 60). Originalmente, essa dança era executada por escravas e oferecida a seu senhor com objetivo de abrandar os castigos que eram dados aos seus entes queridos, filhos, irmãos ou até mesmo aos seus maridos escravos.

A festa que encerra a tradicional festança é a da Santíssima Trindade ou Três Pessoas. Segundo Siqueira *et alii* (2010, p. 675), é o “padroeiro da cidade desde a sua fundação” sendo esse o principal motivo que levaram a agregá-lo à festança. Seus devotos acreditam que esse santo protege a cidade e o seu território, livrando-os, assim, dos desastres naturais. “O santo por sua vez não interfere nas leis naturais, mas pode controlar seus efeitos” (Idem. 676)

1.4 Vila Bela atualmente

Já se passaram 260 anos desde a fundação de Vila Bela da Santíssima Trindade e, ainda assim é possível observar a herança deixada a ela desde os tempos de fundação. Podemos citar as ruínas da igreja matriz da Santíssima Trindade, o palácio dos Capitães Generais, as casas de adobes que formavam a Vila Pouso Alegre, entre outros monumentos históricos. Vila Bela preserva ainda a característica típica de cidade do interior: pacata, de gente hospitaleira em que todos se conhecem e se dizem parentes entre si. A população atualmente, segundo IBGE-2010 totaliza 14. 493 pessoas. Ainda sob fonte do senso do IBGE-2010, desse total, as que se consideram pardas são 7.828. Outras 4.359 se consideram pertencentes a raça branca. As pessoas que se dizem negras são apenas 2.054 dos habitantes. Amarelas e indígenas são 252 pessoas, isto é, uma pequena parte da população geral.

A primeira capital do estado tem como base de sua economia a pecuária que, até o momento, é responsável por colocá-la no terceiro lugar do ranking de maior rebanho do estado de Mato Grosso.

Capítulo II

2.1 Referencial Teórico

2.2 Conceitos de Gramáticas

Travaglia (1995) em seu texto **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática** discute, no capítulo três, acerca de três concepções de gramática. Com base em cada uma delas, ele discorre sobre o que se entende por gramática, e também, o que seria saber gramática e o que é ser gramatical.

Na primeira concepção, a gramática é tida como “um manual com regras de bom uso da língua” (Idem, p.24) que considera apenas uma variedade para a língua: a padrão. O que foge a esse padrão de manifestação da língua é considerado como, segundo o autor, erros, deformações, degenerações da língua, entre outros termos estigmatizados. Foi por meio dessa concepção de gramática que se disseminou a noção de certo e errado na língua e, por conseguinte o preconceito linguístico. Saber gramática nesse sentido, segundo Franchi (1991, apud TRAVAGLIA, 1995. P. 24) este é alguém que conhece as normas e as domina. Nessa mesma vertente Travaglia vai dizer que gramatical será “aquilo que obedece, que segue as normas de bom uso da língua, configurando o falar e escrever” (Idem p. 24).

É importante dizer ainda que, de acordo com Travaglia (1995), “as normas do bom uso da língua” se embasam “em parâmetros, muitas vezes equivocados, tais como: purismo e vernaculidade, classe social de prestígio, [...] autoridade” (Idem, p.25) como gramático e escritores, desconsiderando desse modo, as peculiaridades da língua oral. Nessa perspectiva, o autor elenca uma série de argumentos “não estritamente linguísticos” usados por essa concepção de gramática para instaurar/estabelecer seu papel prescritivo. São eles de natureza estética, elitista ou aristocrático, político, comunicacional e histórico.

Sob o argumento de natureza estética são inclusas e exclusas da norma culta formas que obedecem ou não a critérios como elegância, finura, eufonia, harmonia etc. Os argumentos de natureza elitista ou aristocrático, segundo o autor, obedecem a critérios díspares como o uso da língua que é “feito pela classe de prestígio” em detrimento ao uso das classes “ditas populares”. Outro argumento elencado por Travaglia é o político. Com base neste é que o purismo e a vernaculidade se instauram, pois consiste em “excluir” da língua

toda interferência de outras línguas (como estrangeirismo) que não seja aquela de origem como, no caso língua portuguesa, o latim, o grego, entre outras.

O penúltimo argumento discutido pelo autor está relacionado ao argumento comunicacional da gramática, cujo critério está relacionado à “facilidade de expressão”, isto é, exige-se que o léxico escolhido para “expressão de pensamento seja claro, preciso e conciso”. O último argumento da gramática apontado por Travaglia é o de natureza histórica. Neste último, a gramática prescritiva se embasa na tradição para justificar suas regras, quando na verdade, segundo o autor, “não há nada de objetivo que permite definir quando ele se aplica e quando ele não se aplica” (Idem, p.26). Com isso seu conceito de gramática é tido como algo absoluto e definitivo, o que leva a estigmatizar e considerar “agramaticais” ocorrências como em (1):

- a) Eu vi ele ontem.
- b) Os meninos saiu correndo.
- c) Nós trabaia pros homi.
- d) O chefe pediu pra mim dizer a vocês que está tudo bem.³

A segunda concepção de gramática discutida por Travaglia é a descritiva. Através dela é feita a descrição da estrutura da língua de acordo com seu funcionamento. Segundo Franchi (1991, apud TRAVAGLIA, 1994, 24):

A gramática nessa concepção “é um sistema de noções mediante as quais se descrevem os fatos de uma língua, permitindo associar a cada expressão dessa língua, uma descrição estrutural e estabelecer suas regras de uso, de modo a separar o que é gramatical do que não é gramatical.” Gramatical será então tudo o que atende às regras de funcionamento da língua de acordo com determinada variedade linguística.

Nessa perspectiva, saber gramática é ser “capaz de distinguir nas expressões de uma língua as categorias, as funções e as relações que entram em sua construção” (TRAVAGLIA, 1995, p. 27). Os critérios para estabelecer a concepção dessa gramática são estruturalistas e valorizam a “descrição oral da língua”. Diante disso, as ocorrências do exemplo (1) são perfeitamente aceitas por esta gramática.

³Todos os exemplos são citados por Travaglia na p. 27.

A terceira concepção de gramática diz respeito à gramática internalizada que, segundo o autor, consiste em considerar a língua “como um conjunto de variedades utilizadas por uma sociedade de acordo com o exigido pela situação e interação comunicativa em que o usuário da língua está engajado. Essa gramática é percebida como um conjunto de regras que o falante de fato aprendeu e das quais lança mão ao falar” (Idem, p. 28). Saber gramática, nesse sentido, é um conjunto de saber que o indivíduo desenvolve/amadurece ao longo de sua existência em contato com a própria comunidade de fala em que está inserido e este saber não se constitui por intermédio da escola.

Para essa concepção, de acordo com Travaglia, não existe erro linguístico, mas “inadequações” dessa variedade que é determinada pelo contexto “sócio-histórico-ideológico” do falante, isto é, tudo aquilo o constitui enquanto sujeito inserido numa sociedade e comumente participante dos princípios, normas, condutas e convenções social. Nesse sentido, em um evento fúnebre, por exemplo, seria mais adequado usar a expressão (2 a) em detrimento da expressão (2 b):

- a) Meus sentimentos porque sua mãe bateu as botas.
- b) Meus sentimentos pela perda de sua mãe.⁴

Sendo assim, de acordo com o autor, a gramática internalizada possibilita ao usuário da língua construir, não a competência gramatical “mas também sua competência textual e sua competência discursiva” (Idem, p. 30) e, por conseguinte sua competência comunicativa. Esse último resultado tem muito mais importância para o usuário da língua do que fazer com que ele se atenha às regras de construção de frases “que a teoria linguística trata ao estudar os elementos da fonologia e fonética, da morfologia e da sintaxe” (Idem, 30).

Neste trabalho nos convém apenas conceituar esses três tipos de gramática, pois entendemos serem os mais relevantes para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Importa mencionar que, de acordo com Travaglia, há a existência, além dessas, inúmeros tipos de gramáticas, cada uma delas engaja em contribuir com os estudos das línguas na área de sua competência.

⁴ Esses exemplos são citados por Travaglia na p. 29.

2.2 A concordância nominal

Descreveremos a seguir como se dá a construção da concordância nominal, elemento que precisamos entender para compreender o objeto de nossa investigação. Sabemos que a concordância nominal é um fato linguístico que é tratado pelo viés morfossintático. Ela ocorre no sintagma nominal e é um processo que requer adaptação flexional dos vocábulos determinantes (artigos, adjetivos e pronomes) “às flexões dos vocábulos determinados” (LIMA 2007, p. 125).

A concordância nominal se instaura na categoria morfológica, é o que afirma Lima (2007, p. 26) ao refletir sobre:

A concordância nominal é um fato linguístico que é abordado do ponto de vista da morfossintaxe. Isso porque a concordância pendula entre a sintaxe e a morfologia. A concordância é um fenômeno sintático, pois se realiza na relação sintagmática da dependência dos modificadores em geral, em relação ao nome, ou do predicativo em relação ao termo a que se refere, na relação de predicação. Em contrapartida, a concordância nominal é um fenômeno mórfico, pois se realiza nas desinências flexionais (de gênero e número), que se juntam a cada um dos constituintes integrantes no mecanismo sintático da concordância.

De acordo com Brandão (2007, p. 57), a concordância nominal, se dá por meio da “reiteração do mesmo conteúdo morfológico na categoria do gênero e/ou de número de um nome no(s) determinante(s)” artigo, pronome, “quantificador(es) e/ou adjetivos a ele inter-relacionado(s) sintática e semanticamente”. (BRANDÃO, 2007, p. 57). Conceito semelhante é dado por Perini (2004). Para ele, a concordância nominal é uma relação estabelecida morfollogicamente entre os nomes e pode se distinguir em duas categorias: “a concordância entre termos do sintagma nominal e a concordância de um termo oracional com o termo ou objeto direto [...] ambos os casos, o fenômeno tem a ver com os traços de gênero e de número de certos constituintes que precisam harmonizar-se” (Idem, p. 194).

2.3 A concordância nominal segundo Rocha Lima e Cunha & Cintra

Descreveremos aqui ao modo como os gramáticos Rocha Lima (2001) e Cunha e Cintra (2001) abordam a construção da concordância nominal no sintagma nominal.

Para Rocha Lima (2001, p. 305), a concordância do substantivo com o adjetivo segue dois preceitos básicos: o gênero e número. Nessa perspectiva, em orações simples como

“*homem alto, mulher alta*” a regra determinante é “se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o gênero e o número deste” (Idem).

Nas orações em que há “vários substantivos, de gêneros diferentes e do singular, o adjetivo pode ir para o masculino do plural, ou concordar apenas com o substantivo mais próximo” (ROCHA LIMA, 2001, p. 305). O exemplo dado pelo autor é:

a) *O pai e mãe extremosos ou extremosa.*

Nesse caso, o adjetivo *extremoso* flexionou-se em gênero e número para concordar com o primeiro substantivo masculino *pai*; no segundo exemplo o adjetivo *extremosa* flexionou-se apenas para concordar com o substantivo feminino *mãe*, mais próximo a ele na oração.

Essa mesma regra predominará nas orações em que “os substantivos são de gênero e números variados” (Idem, 305). Outro critério além da eufonia para determinar a concordância do substantivo com o adjetivo em orações compostas está vinculado à “primazia do masculino sobre o feminino, e a do plural sobre o singular” (Idem, p. 306), como foi exposto no exemplo acima.

Ao contrário de Rocha Lima (2001), Cunha e Cintra (2001, p. 246) conceitua a relação do adjetivo com o substantivo como sendo algo que obedece a critérios “basicamente sintático, funcional”, isto é, em muitos casos o termo determinado (substantivo) e o determinante (adjetivo) serão definidos por meio da forma como um ou o outro está funcionando na frase. Para uma melhor compreensão, os autores exemplificam de duas formas:

a) *Uma **preta velha** vendia laranjas;*

b) *Uma **velha preta** vendia laranjas.*

No exemplo a, *preta* é substantivo, pois funciona como núcleo e *velha* é adjetivo, pois caracteriza o núcleo. Já no exemplo b, ocorre o oposto, *velha* é substantivo e *preta*, adjetivo.

Com relação ao conceito de substantivo, tanto Rocha Lima (2001, p. 65) como Cunha e Cintra (2001, p. 177) descrevem-no como sendo a palavra com que designamos ou nomeamos os seres em geral, qualidades ações ou estados. “Do ponto de vista funcional, o substantivo é a palavra que serve, privativamente, de núcleo do sujeito, do objeto direto

indireto e do agente da passiva” (CUNHA E CINTRA, 2001, 177). Ambos classificam o substantivo como concretos, abstratos, próprios, comuns e coletivos, que se flexiona, segundo Cunha e Cintra em número, gênero e grau. Para Rocha Lima, essas três últimas categorias permanecem como uma forma de classificações do substantivo.

O adjetivo é definido por Rocha Lima (2001, p. 96) como a “palavra que restringe a significação ampla e geral do substantivo”. No âmbito do número, ele se classifica de acordo com a sua terminação. Os gêneros dos adjetivos podem ser conhecidos como uniformes, biformes e compostos. Os adjetivos uniformes mantêm a forma para ambos os gêneros do substantivo que acompanha. Já com os adjetivos biformes ocorre o oposto. Fazem-se necessárias duas formas, “uma para acompanhar o masculino e a outra para acompanhar o feminino” (ROCHA LIMA, 2001, p. 97). Nesse sentido, os adjetivos terminados em *o átono* são substituídos por *a*. Exemplo: *gord[o]* – *gord[a]*, e os terminados em *u*, *or*, *ês* são acrescidos do morfema *a*. Exemplo: *cru[Ø]* – *crua*, *impostor[Ø]* – *impostora*, *portuguê[Ø]*s – *portuguesa*. Já nos casos “terminados em *eu* muda-se para *eia*”, *ão* torna-se *oa*, *ã* ou *ora*. Exemplo: *europeu* passar-se para *europea*, *beirão* – *beiroa*, *cristão* – *cristã*, *chorão* – *chorona* (Idem, p. 97).

Nos gêneros dos adjetivos compostos somente o “segundo elemento pode assumir a forma feminina”. Exemplo: *a guerra russ[o]-american[a]*. Quanto ao número, segundo o autor, as regras são “as mesmas que regem a formação do plural dos substantivos” (p. 98). E a marca do plural também é regida pelo morfema [s] como em *rica* – *ricas*; *forte* – *fortes*.

A concordância do substantivo com o adjetivo, segundo Cunha e Cintra (2001), relaciona-se ao gênero e número do substantivo “ao qual se refere.” (Idem, p. 32). Nesse aspecto, encontramos algumas regras de ordem sintática para o adjetivo referir-se a um substantivo apenas. Também vemos regras para se referir a mais de um substantivo, quando o adjetivo funciona como adjunto adnominal, bem como quando o substantivo funciona como adjetivo predicativo do sujeito composto.

2.4 O gênero

Observaremos aqui, como se constitui o gênero do substantivo sob a ótica dos gramáticos Cunha e Cintra e Rocha Lima. De acordo com Cintra (2001) e Rocha Lima (2001, p.70) os gêneros são dois: masculino e feminino. Ao gênero masculino pertencem todos os substantivos passíveis de serem antepostos pelo artigo *o*. Exemplo: *o aluno, o pão, o jabuti* (ROCHA LIMA, 2001, p. 70). Dessa mesma regra se constitui o gênero feminino, só que nesse caso, com substantivo que for passível de ser anteposto pelo artigo *a*. Exemplo: *a casa, a mão, a juruti* (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 189).

Rocha Lima (2001) classifica ainda uma série de ocorrências das quais entende compreender o substantivo como meio de expressão do gênero. Vejamos abaixo.

A primeira classificação que encontramos é o “substantivo de gênero único” que se subdivide em três formas: os sobrecomuns, os epicenos e os que apresentam um só gênero. Os sobrecomuns são usados para designar pessoas tanto de um como de outro sexo. Exemplo: *a criança, a pessoa*. Os epicenos são usados para designar animais tanto do sexo masculino quanto do feminino. Exemplo: *a pulga, a tartaruga, a onça*. Já os de gênero único são usados para referirem-se a coisas, vegetais, minerais etc.. Exemplo: *o diamante, o livro, a faca, a estrela*.

Segundo Rocha Lima, os nomes terminados em *o* átono são masculinos e os terminados em *a* átono são femininos. A exceção acontece com palavras como *clima, cometa, mapa*, pois se enquadram na segunda regra, no entanto, são masculinos. O autor elenca outras séries de palavras que se enquadram na exceção justificando ser por sua genealogia, isto é, palavras de origem grega.

Outra forma de expressão do gênero do substantivo é por meio dos nomes *comuns-de-dois-gêneros* ou sem flexão. Nessa regra o artigo é o responsável por indicar o gênero do nome. Exemplo: *a agente, o agente, a aborígine, o aborígine*.

O gênero do substantivo também pode ser expresso por nomes opostos semanticamente relacionados. São os casos em que o substantivo masculino exerce relações semânticas com o substantivo feminino. Exemplo: *macho, fêmea, touro, vaca*.

A expressão do gênero do substantivo também pode dar-se por meio da flexão. É quando o substantivo flexiona-se em gênero, pelo acréscimo ao masculino da desinência *a*.

Exemplo: *lob(o) + a = loba, maestr(e) + a = mestra*” (ROCHA LIMA, p. 74). Os substantivos terminados em *ão* recebem “pequenas adaptações morfológicas”(Idem.p 74) e são acrescidos dos sufixos *ao*, *ã* e *ona*. Exemplo: a) *leitão/leitoa*, b) *anão/anã*, c) *solteirão/solteirona*.

Há as classes dos substantivos “cuja significação” muda de acordo com a mudança do gênero. Exemplo: *o cabeça, a cabeça, o capital, a capital, o guarda, a guarda etc.*

Cunha e Cintra (2001), ao contrário de Rocha Lima (2001), dizem que não é possível conhecer o gênero do substantivo pela sua terminação, nem pela sua significação. É preciso saber, quanto à significação, que são substantivos masculinos normalmente, “os nomes de homens ou funções por ele exercidas” (Idem, p. 189). Exemplo: *João, mestre, padre, rei*.

São também substantivos masculinos “os nomes de animais do sexo masculino”. Exemplo: *cavalo, galo gato, peru*; “os nomes de meses e dos pontos cardiais”. Exemplo: *março findo, setembro vindouro, o norte, o sul*; “os nomes de lagoas, montes, oceanos, rios e ventos” em que no contexto do emprego, fique subentendido tais palavras. Exemplo: *O Amazonas [=o rio Amazonas]. O atlântico [= o oceano atlântico]. Os Alpes [= os montes Alpes]* .

Dentro dessa perspectiva, são substantivos femininos os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas. Exemplo: *Maria, professora, freira, rainha*; os nomes de animais do sexo feminino. Exemplo: *égua, galinha, gata, perua*; os nomes de cidades e ilhas, nos quais no contexto da expressão subentende tais palavras. Exemplo: *a antiga Ouro Preto, [= a antiga cidade Ouro Preto]. A Sicília [= a cidade de Sicília]. As Antilhas [= as ilhas Antilhas]*.

Quanto à terminação dos substantivos, segundo Cunha e Cintra (Idem), são masculinos os nomes terminados em *-o* átono. Exemplo: *o livro, o aluno, o lobo, o banco*. São femininos os nomes terminados em *-a* átono. Exemplo: *a aluna, a caneta, a loba, a mesa*. “Os substantivos terminados em *-ão*, os concretos são masculinos e os abstratos femininos”. Exemplo: *o agrião, o balcão, a educação, a produção*.

Os substantivos uniformes como os epícenos, sobrecomuns e comuns-de-dois-gêneros, são normatizados por Cunha e Cintra da mesma forma que Rocha Lima.

O adjetivo, segundo Cunha e Cintra (2001), é o responsável por modificar o substantivo. Caracteriza “os seres, os objetos ou as noções nomeadas pelo substantivo, indicando-lhes: a) uma qualidade (ou defeito): [...] b) modo de ser: c) o aspecto ou aparência: [...] o estado” (Idem, p.246). Nesse sentido, o adjetivo assume diversas características determinadas pela função que exerce no sintagma nominal. Segundo os autores, o adjetivo se flexiona ainda em número, gênero e grau.

O número por sua vez, é quando o adjetivo, assim como substantivo assume a forma singular ou plural obedecendo, basicamente, as mesmas regras aplicadas a ele.

O gênero do adjetivo, de um modo geral, apresenta características bifformes, uma feminina e outra masculina. O processo de formação também está relacionado às regras de flexão de gênero dos substantivos. Juntamente com esta formação do adjetivo, observamos também os adjetivos uniformes em que há apenas uma forma para nominar os dois gêneros. De uma forma geral, o que é possível averiguar nas duas gramáticas são casos prescritos de forma comum, como por exemplo, a formação do número que em ambos se dá pelo acréscimo do morfema [s] e o gênero [a] e distintos como a flexão dos substantivos em gênero.

2.5 O número

A outra forma de classificação do substantivo é em número, veremos aqui de forma os gramáticos consultados versam acerca da formação do gênero do substantivo. Nessa perspectiva, para Rocha Lima (2001, p. 79). O “número é o acidente gramatical que indica se o ser nomeado é um ou mais de um”, e está classificado em singular e plural. Enquanto este refere-se a “mais de um ente ou grupo de entes” como em *as crianças, os peixes os rebanhos*, aquele refere-se a um ente como em *a criança*; ou grupo de entes: *o peixe, o rebanho*.

Ainda de acordo com Rocha Lima (Idem, p. 80), “O morfema de plural é o s (com uma variante es), que se opõe a um morfema zero, sinal particularizante do singular”. Nesse sentido o gramático apresenta regras em que a marca do plural pode ser acrescida de forma simples, como nos casos em que o substantivo é terminado em vogal ou ditongo. Desse modo, *monte[Ø]* recebe o morfema s e torna-se *monte[s]*. Há regras também em que a marca do plural requer uma mudança na terminação, como por exemplo: *mulher – mulheres, jornal –*

jornais, réptil – répteis, balão – balões etc.. O autor apresenta ainda os substantivos que se “usam somente no plural”. Exemplo: *óculos, núpcias, férias*.

Para Cunha e Cintra (2001) a flexão em número do substantivo indicará quando este está no singular ou no plural. Enquanto este está para designar “mais de um ser ou mais de um conjunto de seres considerados como um todo, aquele está para designar um ser único, ou um conjunto de ser” (p. 180, 181). As regras estabelecidas para a formação do plural dos substantivos para Cunha e Cintra também se dão pelo acréscimo do morfema [s] ao final dos substantivos terminados em vogal ou ditongo. Desse modo, *mesa[Ø]* singular torna-se plural *mesa[s]*.

Segundo os autores, estão inclusos nessa regra “os substantivos terminados em vogal nasal [...] /e /, /i/, /o/, e /u/ representado graficamente por –m[...] assim: *bem* faz no plural *bens*; *flautim* faz *flautins*”[...] (p.181). Observa-se que Cunha e Cintra determinam esta regra para os substantivos terminados em vogal nasal por meio de critérios fonéticos, ao contrário de Rocha Lima (2001), que as prescreve por meio de um código de escrita, isto é, “os nomes finalizados em *em, im, om, um* – cujo *m* se troca por *n* antes de receber o *s*” (Idem, p. 80). Há também outras regras para a formação do plural denominadas “especiais” pelos autores Cunha e Cintra (2001, p. 182). Referem-se aos substantivos terminados em –ao. Nesse sentido, em todas as paroxítonas no singular, acrescenta-se apenas –s. Exemplo: *balão – balões, alemão – alemães, cidadão – cidadãos*.

Referem-se também aos que no plural alteram-se de timbre da vogal tônica, ou seja, [o] fechado passa para o aberto. Exemplo: *osso – ossos, olho – olhos*. Referem-se ainda aos substantivos terminados em consoantes –r, –z e –n que no plural recebem –es. Exemplo: *mar – mares, colher – colheres*.

Aos terminados em –al, –el, –ol, e –ul são substituídos por –is. Exemplo: *animal – animais, papel – papéis, farol – faróis, funil – funis*. E por fim, os substantivos compostos formados por palavra acrescida de hífen, passa para plural como se um substantivo simples. Por Exemplo: *aguardente (s), malmequer (es)*” (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 187).

2.6 Conceito de gênero segundo Lopes

Veremos nesse subtítulo, sob a perspectiva do sociolinguista Lopes (2003), como se dá a constituição do gênero do substantivo, por apresentar uma concepção de gênero diferente das apresentadas por Rocha Lima e Cunha e Cintra. Em seu texto (Categoria de Gênero), ele distingue o conceito de gênero gramatical e conceito de gênero biológico ao mesmo tempo em que critica a gramática normativa. Para ele, “o gênero gramatical, ao contrário do gênero biológico, é obrigatório, por se aplicar a todos os nomes e a certos pronomes e não se relacionar necessariamente com o sexo” (idem, p.73) e o gênero biológico é o gênero natural, isto é, independe ou não da identificação do sexo do ser referido.

Lopes (2003) classifica o gênero masculino como um gênero semanticamente não marcado, visto que pode ser usado para se referir tanto ao sexo masculino ou feminino, como exemplifica o autor: “O brasileiro é dedicado ao trabalho”. Neste sintagma, podemos observar que a palavra “brasileiro” exposta designa os brasileiros em geral, tanto do sexo masculino como do feminino.

Quanto ao gênero feminino, ele classifica-o como semanticamente marcado, pois sua definição é específica, como podemos ver no exemplo feito por Lopes: “A brasileira é dedicada ao trabalho”. O artigo “a” anteposto ao substantivo e o morfema “a” usado no final do substantivo já a define como uma expressão usada para o sexo feminino. Desse modo, verificamos a especificidade do gênero feminino, visto que não podemos usá-lo para ambos os sexos.

O autor levanta um quesito bastante relevante não apontado na gramática, que tem a ver com a categoria implícita do gênero, o que a faz um tanto complexa, visto que, conforme relatado pelo autor, em todo vocábulo há um gênero seja ele marcado ou não, isto é, sempre haverá um gênero determinado em cada vocábulo, seja masculino ou feminino. Lopes (2003) classifica o gênero em quatro categorias, sendo ele marcante ou não no vocábulo.

- a) *Gênero com marca interna* (morfema aditivo): Ele não cria gat-**a**-s porque só gosta de gat-**o**-s. b) *Gênero com marca externa* (processo determinativo): Procuro **o** Selvagem. c) *Gênero com marca redundante*: Encontrei **a** gat-**a** **amarela** (morfema aditivo + processo determinativo); nôvo/nova, formoso/formosa (processo aditivo + morfema suprafixal). d) *Gênero formalmente não-marcado*, isto é, sem especificação formal: flor, pente, cabide. (idem, p.75)

Em suma, percebemos a abrangência da categoria de gênero havendo para tanto classificações com o importante papel de esclarecer como se dá o funcionamento gramatical do gênero. Contudo, veremos agora a classificação do nome quanto ao gênero;

- a) *Uniforme sobrecomum só masculino:* (o) homem.
- b) *Uniforme sobrecomum só feminino:* (a) vítima.
- c) *Uniforme comum-de-dois:* (o/a) artista.
- d) *Biforme sem flexão e/ou derivação redundante:* belo/bela.
- e) *Biforme com flexão e/ou derivação redundante:* o lobo/ a loba.
- f) *Biforme com alternância vocálica redundante:* nôvo /nóva.
- g) *Biforme alomórfico:* avô / avó (LOPES, 2003, 76)

De acordo com as classificações acima, discutimos acerca da variação do gênero, tendo em vista que ele se apresenta distintamente quando usados em nomes (ou pronomes) substantivos e nomes (ou pronomes) adjetivos. Os substantivos classificados como uniformes, têm o gênero implicitamente não marcado, ocupando uma posição essencial no enunciado, enquanto que nos adjetivos o gênero é inserido basicamente como uma categoria secundária no enunciado.

Ainda embasado nas definições do autor, ele salienta que “nos substantivos o gênero não é dependente, como é o caso de clima, enquanto que nos adjetivos ele é dependente do gênero do substantivo com o qual se relaciona e concorda”.

Nos substantivos biformes o gênero é marcado por derivação (tio/tia) ou heteronímia (bode/cabra) e nos adjetivos biformes o gênero vem marcado por flexão (feio/feia).

O autor nos aponta também os equívocos sobre a constituição dos gêneros nas gramáticas, que tem a ver com gêneros biológicos e os gêneros gramaticais. Ele explica o por que:

Tal equívoco se explica por não se ter percebido que o sexo é um conceito biológico e que à gramática interessa apenas o gênero gramatical, que não se define por característica semântica mais formais, razão pela qual as correspondências nem sempre ocorrem, a exemplo de mulherão, um vocábulo no masculino gramaticalmente falando, mas que se refere a um ser do sexo feminino. (Lopes, 2003, p.77-78)

Outra confusão acusada por Lopes (2003) com relação aos conceitos de gêneros apresentados pelas gramáticas tem a ver com a flexão dos gêneros, isto é;

Confundir flexão com heteronímia ao se dizer que nomes de pessoas e animais se submetem a flexão de gêneros [...] Confundir flexão com derivação ao apontar diaconisa como feminino de diácono [...] Confundir terminação **-o** e **-a** dos substantivos com as desinências de gêneros masculinos e femininos respectivamente [...] Confundir terminação sintática com flexão ao se dizer que feminino de tatu é *tatu fêmea* [...] Confundir a manifestação de gênero no substantivo com a manifestação de gênero no adjetivo ao se afirmar que o substantivo se flexiona em gênero, quando a realidade é que a esmagadora maioria dos substantivo é uniforme... (LOPES 2003, p.79) (grifo do autor)

Em suma, como podemos perceber, na contramão daquilo que os gramáticos Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2001) conceituam sobre o gênero, está o conceito de Lopes (2003, p.75): “o gênero é uma categoria implícita, o que significa dizer que todo vocábulo possui gênero, isto é, estará no masculino ou feminino, independentemente de haver ou não uma forma marcada para ele”. Isso quer dizer que, enquanto Cunha & Cintra e Rocha Lima afirmam que pertence ao gênero masculino todo substantivo passível de ser anteposto pelo artigo *o* e feminino quando anteposto pelo artigo *a*, Lopes defende que trata-se de “gênero com marca externa”. Se para os gramáticos, são masculinos os substantivos terminados em [o] e femininos os terminados em [a], por exemplo: folgado/folgada, Lopes refere-se a gênero com marca interna.

2.7 Sociolinguísticas: constituição, objeto e conceito

O termo sociolinguística, de acordo com Alkmim (2001), fixou-se no ano de 1964 a partir de um congresso organizado por William Bright na Universidade Californiana de Los Angeles “UCLA”. Esse congresso reuniu vários estudiosos comprometidos em estudar a relação entre linguagem e sociedade. Dentre eles, podemos destacar William Labov, John Gumperz, Dell Hymes, Einar Hougen, José Pedro Rona, John Fisher, entre outros, que juntos constituíram um referencial teórico para os estudos acerca da diversidade linguística.

A autora, por meio dos estudos de Bachmann *et alii.* (1981) explica que, nesse contexto de constituição, a sociolinguística recebe influências de ciências correlatas como a antropologia linguística, a dialetologia social e de diferentes campos como a psicologia, a sociologia, entre outras. “Nessa vertente, em que linguagem, cultura e sociedade são consideradas fenômenos inseparáveis, linguistas e antropólogos trabalham lado a lado [...] Nesse sentido o que há de novo é a definição de uma área [...] voltada para o tratamento do fenômeno linguístico no contexto social no interior da Linguística” (ALKMIM, 2002, p. 29). Ou seja, a Sociolinguística é uma das “subáreas da Linguística”, conforme afirma Mollica (2003).

Diante do exposto, é possível observar que “a Sociolinguística em 1964 foi precedida pela atuação de vários pesquisadores” (Idem, 2002, p. 30). Nesse contexto destacam-se dois estudiosos: Hymes e Labov. A contribuição de Hymes parte de um artigo publicado em 1962 que, segundo Alkmim (2001), versa sobre uma perspectiva inovadora do domínio de pesquisa da etnografia da fala. “Esse novo domínio pretende descrever e interpretar o comportamento linguístico no contexto cultural e, deslocando o enfoque tradicional sobre o código linguístico, procura definir as funções da linguagem a partir das observações da fala e das regras sociais próprias a cada comunidade” (Idem, 2002, p. 30).

Já a contribuição de Labov em 1963, surgiu em virtude da publicação de um estudo sobre “Martha’s Vineyard, no litoral de Massachusetts”, cuja relevância se deu por ratificar a importância dos fatores extralinguísticos como origem étnica, sexo, idade, grau de escolaridade, classe social etc., na compreensão das variações linguísticas observadas na comunidade estudada. Outro trabalho de Labov considerado impactante por Alkmim para o avanço dos estudos Sociolinguísticos foi sobre a “estratificação social do inglês em New York”, em 1964, que possibilitou a fixação acerca de um “modelo de descrição e

interpretação do fenômeno linguístico no contexto social de comunidades urbanas” (ALKMIM, 2002, p. 30) o que culminou na Teoria da Variação.

Nessa perspectiva, podemos entender que o objeto da Sociolinguística é pensar a variação linguística por meio da “língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social” (Idem, p. 31). Nesse sentido, a autora complementa dizendo que uma “comunidade de fala se caracteriza não pelo fato de se constituir por pessoas que falam do mesmo modo, mas por indivíduos que se relacionam, por meio de redes comunicativas diversas, e que orientam seu comportamento verbal por um mesmo conjunto de regras” (Idem, p. 31).

Isto posto, podemos dizer que a sociolinguística é a ciência que tem a incumbência de estudar a fala e suas relações com a sociedade, uma interligada a outra. Para tanto, implica pensar que a língua não pode ser homogênea como alegam os puristas, porque é “posta em funcionamento pelo sujeito que é falho e afetado” socialmente, historicamente e ideologicamente (PAGOTTO, 1998), mas heterogênea porquanto “encontram-se assim formas distintas que, em princípio se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe [...]” (MOLLICA, 2003, p. 09). Nesta perspectiva, segundo esta autora, o português brasileiro está cheio de exemplos. Vejamos alguns citados por ela:

- a) Os estudoØ sociolinguísticoØ
- b) Os estudos sociolinguísticos
- c) framengo, andano, Øtá, falaØ, paia
- d) flamengo, andando, está, falar, palha

A autora esclarece que ocorrências como em *a)* e *c)* são variações constitutivas de todas as línguas (naturais humanas). E, se todas as comunidades de fala, sejam elas grandes ou pequenas, possuísem os mesmos comportamentos linguísticos ou “comportamento linguístico idêntico, não haveria razão para ter um olhar sociolinguístico da sociedade” (Idem, p. 10).

2.8 A variação linguística

Para iniciar nossa discussão acerca da variação linguística nesse subtítulo, partiremos do pressuposto de que “toda a língua muda com o tempo”. Conforme afirma Bagno (2009), ela é um organismo vivo e naturalmente sofre mudanças como tudo que há no universo. A sociedade está no universo com tudo aquilo que a compõe, e o homem com sua característica heterogênea e mutável compõe a sociedade. É por meio desse sujeito que a língua é posta em funcionamento. Isso posto, podemos dizer então que homem, língua e sociedade estão envolvidos/interligados numa relação intrínseca. “Essa relação é a base da constituição do ser humano”, afirma Alkmim (2001).

Segundo Bagno (2002), “os falantes mudam a língua o tempo todo” e as mudanças linguísticas são imprescindíveis para os avanços da Sociolinguística, pois para pensar a mudança:

[...] o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu *status* social positivo ou negativo entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. (Grifo do autor) (MOLLICA, 2010, p. 10)

Contudo, esse conceito de caráter indispensável que a variação linguística traz para se pensar a língua, nem sempre existiu. Saussure é considerado o pai da linguística pelos linguistas por ser o primeiro a pensar a língua em suas relações internas, isto é, estruturou a língua no seu âmbito fonético, morfológico e semântico e, defendeu uma concepção de língua estável, invariável alheio ao indivíduo. Sua percepção de língua é de um sistema de relações abstratas:

Ela é parte social da linguagem, exterior ao indivíduo, que, por si só não pode nem criá-la nem modificá-la: ela não existe se não em virtude duma espécie de contrato estabelecido entre os membros da comunidade [...] a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica [...] (SAUSSURE, 2006, p. 22-23)

Diante do exposto, podemos perceber que Saussure atribuiu a variação à linguagem. Segundo ele, é a linguagem que apresenta característica heterogênea ao contrário da língua. McCleary (2007), em seus estudos sobre a sociolinguística, afirma que “essa visão da língua é uma idealização, e não um fato. Os fatos das línguas apontam para outro conceito: nas línguas, a variação está por toda parte” (p. 4). Nesse sentido, segundo esse autor, a primeira variação que encontramos está relacionada à língua, uma em detrimento da outra, isto é, “existem muitas línguas diferentes no mundo. A língua não é uma coisa só. Ela pode tomar formas diferentes [...]. Existe também muita variação dentro de cada língua, o tempo todo, e essa variação é um fenômeno perfeitamente normal e extremamente útil”. (Idem, p. 4).

Bagno (2002) pensa a variação ou mudança linguística pelo viés semelhante ao de McCleary (2007) e, oposto ao de Saussure. Bagno (Idem) defende que a língua sofre mudanças e, são os falantes os responsáveis por mudá-la:

Somos nós, os falantes, que imperceptivelmente, inconscientemente, vamos alterando as regras de funcionamento da língua, tornando ela mais adequada e mais satisfatória para nossas exigências de comunicação e interação. Não existe sozinha, solta no espaço, como uma entidade mítica... São os falantes, em sociedade, que muda a língua. E essa mudança não é para melhor, nem para pior: é mudança, simplesmente. (BAGNO, 2002, p. 42).

Como mencionamos anteriormente, as mudanças e as variações linguísticas entre outros fenômenos suscetíveis à língua, fazem parte do interesse de investigação da Sociolinguística, ou seja, compõe seu objeto de pesquisa. Diante disso, acreditamos ser relevante definirmos o que é variante linguística bem como o que é um fenômeno variável. De acordo com Mollica (2010), uma variante linguística integra as inúmeras formas alternativas passíveis de constituir um fenômeno variável dependente. Por exemplo, a concordância entre o sujeito e o verbo. Segundo Mollica, é uma variável linguística uma vez que “se realiza através de duas variantes, duas alternativas possíveis e semanticamente equivalentes” (p. 11).

Com isso, observamos que existem duas possibilidades de considerar uma variável: a de forma dependente e a independente. A falta de concordância entre o nome e adjetivo, constitui uma variável dependente, pois o “emprego da variante não é aleatória, mas influenciada por grupos de fatores” externos de natureza social ou estrutural (Idem, p. 11).

Esses fatores externos configuram as variáveis independentes ou grupos de fatores que podem ser de caráter interno ou externo à língua. A autora explica como se dá essa configuração:

No conjunto de variáveis internas, encontra-se os fatores de natureza fonomorfossintáticos, os semânticos, os discursivos e os lexicais. Eles dizem respeito a características da língua em várias dimensões, levando em conta o nível do significante e do significado, bem como os diversos subsistemas da língua. No conjunto de variáveis externas à língua, reúnem-se os fatores inerentes ao indivíduo (como etnia e sexo), os propriamente sociais (como escolarização, nível de renda profissão e classe social) e os cotextuais (como grau de formalidade e tensão discursiva). Os do primeiro tipo referem-se a traços próprios aos falantes, enquanto os demais a características circunstanciais que ora envolve o falante, ora o evento de fala. (MOLLICA, 2010, p. 11)

Nessa perspectiva apontada pela autora, conheceremos a seguir as designações que recebem as variações/mudanças internas e externas que envolvem o falante e o evento da fala. Para tanto, lançaremos mão da pesquisa de Ilari e Basso (2006) que também entendem como um fenômeno normal a natureza mutável da língua. Em seus estudos eles a definem como variação diacrônica, variação diatópica, variação diastrática e variação diamésica.

A variação diacrônica, segundo Ilari e Basso, está relacionada ao tempo, isto é, às mudanças que a língua sofre no decorrer do tempo. Essas mudanças podem ser observadas tanto no âmbito da história externa, como na formação do português, quanto, da história interna, que tem a ver com as mudanças da língua. Um exemplo simples, pode ser ilustrado com a comparação de textos de épocas diferentes. (ILARI E BASSO, 2006, p. 152).

Outra variação definida pelos autores refere-se à variação diatópica. Trata-se da mudança que uma mesma língua sofre quando falada em diferentes territórios de um mesmo país, ou países distintos.

A variação diastrática está relacionada ao plano social, isto é, uma série de modificações ou de “diferença entre o português falado pela parte mais escolarizada da população [...] e pela parte menos escolarizada”. (ILARI E BASSO, 2006, p. 175). Quanto a esse conceito, Alkmim (2001, p. 35) entende que essa variação envolve um “conjunto de fatores que tem a ver com a identidade dos falantes e também com a organização sociocultural da comunidade de fala”. Desse modo, é considerado agente de variação social: classe social, sexo, idade, situação ou contexto social.

Em relação à classe social, Alkmim exemplifica da seguinte forma:

1. *Presença do [r] em lugar do [l], em grupos consonantais, como em ‘brusa’ – blusa e ‘grobo’ – globo; (p. 35)*

Nesse sentido, segundo Ilari e Basso (2006), o exemplo da variação acima ilustra uma característica de fala típica das classes menos escolarizadas ou mais pobres da sociedade. Esses autores classificam esse fenômeno de “subpadrão”. Segundo eles, tem a ver com outro código normalmente possível de ocorrer na língua e, não um erro. Quanto à noção de erro na língua, Bagno (2009) tem algo a acrescentar:

A noção de erro em língua só pode se aplicar a fenômenos individuais particulares. Se uma pessoa, em vez de dizer *cavalo*, disser ‘davaló’, ‘gavaló’, ‘cafalo’, ‘cavaro’ etc., isso sim é um erro, que deve ser tratado clinicamente de modo adequado. Mas se milhões de brasileiro dizem *o meu óculos novo* e não ‘os meus óculos novos’, é porque eles têm necessidade de modificar alguma regra da língua para que ela se adapte a uma interpretação da realidade. Afinal, a língua tem que servir aos falantes, e não o contrário [...] (grifo do autor) (BAGNO, 2002, p. 45).

Outro agente de variação social, segundo Alkmim (2002), é o sexo/gênero. Paiva (2010) contribui para a discussão com relação a essa variação quando afirma que as diferenças entre a fala do homem e da mulher se evidenciam no plano lexical. Nessa perspectiva, (Camacho 1978 *apud* Alkmim 2002, p. 36) faz a seguinte consideração: “a duração de vogais como recurso expressivo, como em ‘maaravilhoso’, costuma ocorrer na fala de mulheres, assim como o uso frequente de diminutivos, como ‘bonitinho’, ‘gostosinho’, ‘vermelhinho’”. Outro exemplo de léxico que é usado preferencialmente por um dos sexos é o pronome japonês usado na primeira pessoa ‘boku’- que significa *eu* em português, usada exclusiva pelos homens japoneses.

O agente idade é a terceira classe de variação diastrática discutida por Alkmim (Idem). Para a pesquisadora, “o uso de léxico particular, como presente em certas gírias (‘maneiro’, ‘esperto’, com o sentido de avaliação positiva sobre coisas, pessoas e situações), denota faixa etária” de pessoas mais jovens (p.36). Outra contribuição é dada por Paiva (2010) a esse respeito. Para ela, o pronome do caso reto na primeira pessoa do plural (*nós*) está sendo substituído pelo *a gente* na fala das pessoas mais novas, e pouco observado na fala das pessoas mais velhas. Ela explica porque:

Os falantes adultos tendem a preferir as formas mais antigas,[...] existem pessoas que, apesar de estarem em interação constante (do tipo pai /filho), costumam falar de maneira distinta. Entretanto, isso não chega a comprometer a comunicação, já que ambos os lados são capazes de utilizar e entender todas as formas[...] o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos no começo da puberdade e que a partir deste momento a língua do indivíduo fica essencialmente estável. Segundo esta posição, as gramáticas do indivíduo não pode sofrer mudanças significativas porque o acesso aos dispositivos cognitivos que possibilitam a sua manipulação[...] fica bloqueado[...]. Quaisquer eventuais mudanças seriam apenas esporádicas: troca de uma palavra por outra, troca de pronuncia de uma palavra, etc. (PAIVA, 2010, p. 44)

O quarto e último agente de variação social descrito por Alkmim (2002) é determinado pela situação ou contexto social. Nessa perspectiva, essa variação está relacionada ao comportamento linguístico adotado pelo sujeito falante de acordo com ocasião em que se encontra. Isto é, “cada grupo social estabelece um contínuo de situação cujos polos extremos e opostos são representados pela *formalidade* e *informalidade*” (p. 37). Dessa forma, consideram-se eventos formais aqueles em que o sujeito necessita monitorar sua fala, por exemplo, entrevista de emprego, conferência, uma negociação entre fornecedor e cliente etc..

São considerados eventos informais aqueles que possibilitam ao falante expressar de forma espontânea ou menos/nada monitorada como, por exemplo, um bate-papo em lanchonete e bares, festas de aniversários, de confraternização nas empresas, entre outros. Há outro exemplo citado por (Fishman 1972 *apud* Alkmim 2002, p. 37) em que o falante muda a variedade linguística sem mudar a situação: é a chamada “*mudança metafórica* [...], como numa conversa em que o pai interroga a filha nos seguintes termos: ‘Aonde a senhora pensa que vai?’ – em que o uso da forma de tratamento ‘senhora’ está obviamente carregada de ironia”.

Por fim, a última variação apontada por Ilari e Basso (2006) é a diamésica. Essa variação relaciona-se às distintas formas observadas entre a língua escrita e a língua falada. Ela, apresenta, por sua vez, uma gramática própria que não concorda com a gramática do escrito. Outro caráter relevante que distingue “irredutivelmente” o escrito do falado refere-se ao planejamento, isto é:

Quando produzimos um texto escrito podemos pensar previamente sua estrutura em partes, podemos decidir em que ordem essas partes serão dispostas, podemos avaliar

formulações alternativas. Se, com tudo isso, o texto escrito ainda nos parecer inadequado, podemos corrigi-lo e modificá-lo, e o resultado final [...] é normalmente um texto que se desenrola linearmente e quase não apresenta retornos e redundâncias. [...] bem diferente é o caso do texto falados [...] são planejados à medida que são produzidos, por isso o mais comum é encontrar neles um grande número de reformulação sucessivas e sempre imparciais de um mesmo conteúdo (ILARI E BASSO, 2006, p. 181).

Diante das considerações aqui expostas, podemos concluir que os estudos da variação linguística são fundamentais para observar, pensar e compreender a língua dentro de sua micro e macro estrutura. Alkmim (2002) as descreve como “caos organizado” que possibilitou a inovação na teoria da Sociolinguística, apesar de no Brasil ainda predominar a concepção de que a língua é uniforme e, haver estudiosos que assim a defende. Ilari e Basso (2006, p. 152) citam três possíveis motivos para isso ainda ocorrer: “uma certa forma de nacionalismo; uma visão limitada do fenômeno linguístico, que só consegue levar em conta a língua culta e uma certa insensibilidade a variação”.

Capítulo III

3.1 Metodologia

Nossa pesquisa foi realizada no município de Vila Bela da Santíssima Trindade MT. Consistiu-se na observação de diversas falas proferidas por pessoas vila-belenses que se encontravam em diversos locais que propiciavam ao locutor e interlocutor interagir de forma espontânea e, com isso, fazendo uso a fala de maneira informal. Nosso foco principal foi dado a pessoas do sexo masculino e feminino que aparentavam possuir entre 18 e 30 anos e acima de 50 anos de idade.

Observamos as falas de 8 pessoas sendo quatro do sexo masculino e quatro do sexo feminino. Foram observadas duas do sexo feminino e duas do sexo masculino que aparentavam ter entre 18 e 30 anos de idade. Foram observadas também duas do sexo feminino e duas do sexo masculino que aparentavam ter idade acima de 50 anos. Foi possível efetuar a coleta de 56 ocorrências num período aproximado de 30 dias.

Como recursos metodológicos, usamos blocos de anotações e, à medida em que íamos observando as ocorrências que faziam parte de nosso objeto de análise, íamos fazendo as transcrições no bloco.

Capítulo IV

4.1 Análise

Como já mencionamos anteriormente, a concordância nominal é um fato linguístico que é tratado pelo viés morfossintático. Ocorre no sintagma nominal um processo que requer adaptação flexional dos vocábulos determinantes (artigos, adjetivos e pronomes) “às flexões dos vocábulos determinados” (LIMA 2007, p. 125). Segundo esse autor, na língua portuguesa é obrigatória a concordância do gênero. Contudo, do ponto de vista sintagmático, cabe ao falante realizar a concordância no gênero ou não. Partindo desse pressuposto, encontramos então duas categorias de concordância: as prescritas pelas gramáticas normativas como em *A mamadeira está pronta* e as que não seguem esse padrão como em *A mamadeira está pronto*.

Aplicaremos em nossa análise o modelo de análise usado por Lima (2007) em sua tese de doutorado sobre **A variação na concordância do gênero gramatical no falar cuiabano** em que, para encontrar os casos mais recorrentes na variação da concordância nominal, separou os casos em que esses determinantes estavam antepostos dos que estavam pospostos ao nome, com base nas classes gramaticais que circundam o nome para concordar com os adjetivos e determinantes, como artigos, numerais, pronomes possessivos, demonstrativos e indefinidos, conforme modelo abaixo:

No caso do SN bomba de água se empregássemos:

- **um adjetivo**, teríamos a concordância: bomba de água **nova** / **nova** bomba de água; - **um artigo**, teríamos a concordância: **a** bomba de água; - **um numeral**, teríamos a concordância: **uma** bomba de água; - **um pronome demonstrativo**, por exemplo, teríamos: **aquela** bomba de água; - **um pronome possessivo**, por exemplo, teríamos: bomba de água **minha** / **minha** bomba de água. Em oposição a esses exemplos, encontramos seguinte concordância em Cuiabá: - com **um adjetivo**, temos a concordância: bomba de água **novo** / **bonito** a bomba de água; - com **um artigo**, temos a concordância: **o** bomba de água; - com **um numeral**, temos a concordância: **um** bomba de água; - com **um pronome demonstrativo**, por exemplo, temos: **aquele** bomba de água. - com **um pronome possessivo**, por exemplo, temos: bomba de água **meu**. / **meu** bomba de água. (LIMA, 2007, 144-145) (Grifo do autor).

4.2. Variável idade: entre 18 e 30 anos

4.2.1 Determinantes e adjetivos antepostos ao nome

Verificaremos, com base no *corpus* constituído pelas falas dos homens e das mulheres de 18 a 30 anos, se há nos determinantes ocorrências que não contemple a aplicação da regra de concordância de gênero e número no sintagma nominal, se houver em qual dessas classes é mais recorrente. Primeiramente, analisaremos os casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e adjetivos estão antepostos ao nome. Posteriormente, os casos pospostos aos nomes.

Nesse sentido, encontramos apenas uma ocorrência em que o nome está anteposto pelo **Det. + pronome posses. + nome**, como vemos abaixo no exemplo (1).

- (1) *Uai Andréia, a sua mesa tá ficando bonito!(H)*

Pron. + det. + nome

- (2) *Essa data aqui, foi a data que ele foi feito, a dívida(H)*

Segundo Rocha Lima (2001) e Cunha e Cintra (2001), os pronomes pessoais denotam as três pessoas gramaticais: 1ª pessoa: *eu, nós = quem fala*; 2ª pessoa: *tu, vós = com quem se fala* e 3ª pessoa: *ele ela, eles elas = de quem se fala*. Nessa perspectiva, o exemplo (2) nos mostra que na retomada do nome, o pronome pessoal reto na terceira pessoa *ele* não concorda com o nome a que se refere. Essa construção está de acordo com a regra de aplicação de concordância encontrada na gramática, pois, segundo Cunha e Cintra o “pronome possessivo concorda em gênero com o substantivo que designa o objeto possuído” (2001, p. 319).

- (3) *Minha moto tá estragado(H)*
 (4) *Esses prédio é tudo igual(M)*
 (5) *Essa havaiana é novo?(M)*
 (6) *Vô guarda essa apostila, podia ter sido aprovado(M)*
 (7) *I essa blusa ghente?! Tudo amarrotado (M)*
 (8) *Você voltou usá o gel que sapeca seu orelha(M)*

Nos exemplos acima estão os casos em que o pronome demonstrativo e possessivo estão antepostos ao nome (**Pron. Dem./Posses + nome**). Observamos apenas um caso (8) em que o pronome possessivo *seu* está anteposto ao nome e não está de acordo com a regra padrão de concordância de gênero. Quanto aos demais casos, seu emprego está de acordo com a regra de concordância prescrita pelas gramáticas normativas. Temos uma ressalva a fazer com relação ao exemplo (3), pois há falta de concordância em número no sintagma nominal. O pronome demonstrativo variável masculino *esses* está marcado pelo morfema [s] e o mesmo não ocorre com o nome. O número é marcado pelo morfema *s* ao final das palavras segundo Rocha Lima (2001, p. 80). Nesse sentido, (3) é um caso que observamos a marcação de número apenas na primeira posição do elemento pluralizável do sintagma nominal, o que não está de acordo com a norma padrão. Quanto à concordância em gênero, a regra foi observada, uma vez que *prédio* é considerado pelo gramático Rocha Lima (2001) como substantivo masculino e está precedido pelo pronome demonstrativo também masculino.

O mesmo ocorre nos casos (4), (5) e (6) em que o pronome demonstrativo feminino *essa* concorda em gênero e número com os nomes substantivos femininos *havaiana*, *apostila*, *blusa*.

Diante disso, observamos que o pronome demonstrativo/possessivo anteposto ao nome apresenta pouca variação da norma padrão no falar dos homens e mulheres de 18 a 30 anos.

Não observamos nenhum caso de variação quanto ao emprego do determinante artigo anteposto ao nome (**Det.+ Nome**), como podemos observar nos exemplos abaixo:

- (9) ...**a dívida**
- (10) Vamos lá **na igreja** beber água...
- (11) Quantos que ficô **a mensalidade**?...
- (12) Mesmo com **a sirene**...
- (13) Cê qué vê **as casa**...
- (14) **Na verdade**, você tem que verificar...
- (15) **A tia Maria** também...
- (16) com **a mão**...
- (17) já sabia que **a reserva**...
- (18) Você viu **a carreta**...
- (19) Você voltou usa **o gel**...

(20) ...tira **a camiseta**...

(21) ...*puxá bem o saco*....

O conceito de Rocha Lima (2001) e Cunha e Cintra(2001) acerca da formação do gênero do substantivo com relação ao artigo é que ao gênero masculino pertencem todos os substantivos passíveis de serem antepostos pelo artigo *o* como em *o aluno*, *o pão*, e ao gênero feminino, todos os substantivos passíveis de serem antepostos pelo artigo *a*, como em *a casa*, *a mão*. Diante do exposto, notamos que em todos os exemplos acima houve a concordância entre o artigo e onome, conforme prescrevem as gramáticas normativas consultadas, exceto no caso (28) - *Cê qué vê as casa*ø..., que além da concordância de gênero, espera-se a concordância de número. Segundo Rocha Lima (2001, p. 92), o artigo “em certos casos, serve para assinalar o gênero e o número do substantivo”. Nessa perspectiva, quanto ao gênero, o artigo *as* foi empregado de forma que contempla o recomendado por Cunha e Cintra e Rocha e Lima, visto que, o nome *casa* é um substantivo feminino uniforme, com isso o artigo esperado para antepô-la é o *a*.

Quanto ao número, observamos que a concordância entre artigo e nome não se completa, pois o substantivo *casa* não se flexionou em número para concordar com o seu determinante *as*, ficando assim somente a primeira posição do elemento pluralizável do sintagma nominal marcado.

Diante do exposto, percebemos que a única falta de concordância recorrente na posição (artigo + nome) do sintagma nominal está relacionada ao número e não ao gênero.

Outra variação que observamos ser pouco produtiva no falar dos jovens vilabelenses tem a ver com o emprego do adjetivo anteposto ao nome. Encontramos apenas um caso (Adj. + det. + nome):

(22) Puro **véio a Gabi** (H)

Segundo Cunha e Cintra (2001), não é possível conhecer o gênero do substantivo pela sua terminação. Neste sentido, são substantivos femininos os nomes de mulheres ou de funções por elas exercidas. No caso (22) - *Puro veio a Gabi*, o esperado pela norma padrão é que o adjetivo *véio*(*velho*) se flexionasse para concordar em gênero com o substantivo feminino *Gabií*.

Esquematizaremos abaixo uma síntese quanto à ocorrência dos adjetivos, pronomes, numerais, artigos na posição anteposta ao nome:

Anteposto ao nome	
Velho, ele, seu	Orelha Gabi
Adjetivo, pron. pessoal	substantivo feminino
Concordância no masculino	

4.2.2 Variável idade: acima de 50 anos

Passaremos a observar agora se há variação quanto ao cumprimento da regra de concordância de gênero e número nos casos em que os determinantes (artigos, pronomes, numerais) e adjetivos estão antepostos ao nome nas falas masculinas e femininas acima de 50 anos.

Nenhum caso em que o nome está anteposto pelo determinante na sequência **(Det. + pron. + nome)** foi observado entre as pessoas na faixa etária acima de 50 anos. Quanto ao caso em que o nome está anteposto pelo numeral, **(numeral+ vl. + pron. Indef. + nome)** encontramos uma ocorrência. O exemplo (23) abaixo nos mostra que não há variação no emprego da regra de concordância em gênero e número entre o nome e seus determinantes que o antecedem.

(23) *Mil e poucas galinhas veio lá;*

Os exemplos apresentados por Lima (2007, p. 144) do dialeto de Cuiabá em que no sintagma nominal pode ser observada a seguinte ocorrência na anteposição do determinante ao nome, como: **(det.+nome):** *o bomba de água, no mamãe, o coisa*, podemos perceber que nos exemplos abaixo (22), (23), (24), (25) e (26) essa ocorrência não se verifica em todas as faixas etárias observadas em nossa pesquisa do falar vila-belense. O que se observa é que o determinante anteposto ao nome **det. + nome** *Na sexta feira [...], [...] no lugar, a diabete, [...] a máquina*, atende a regra de concordância de gênero que, segundo Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2001), é o artigo o responsável por marcar o gênero do nome. Ao gênero masculino pertencem todos os substantivos passíveis de serem antepostos

pelo artigo *o* e o gênero feminino, todos os substantivos que podem ser antepostos pelo artigo *a*.

(24) *Na sexta feira passado os meninos...*

(25) *Não sei se não trato no lugar ...*

(26) *Falô mal da muié...*

(27) *Ele ta com a diabete alto*

(28) *...com a máquina...*

Lima (2007, p. 144) observou na comunidade que pesquisou, ocorrência como “**aquele** bomba de água **meu** bomba de água”. Passemos a verificar os casos em que os pronomes, possessivo/demonstrativo/ indefinido e numeral estão antepostos ao nome, para observar a recorrência dessa concordância no sintagma nominal **Pron. + nome**. *Essas meninas ta enrolado...*

(29) *Eu vô vê minha ropa...*

O que os exemplos (27) e (28) acima nos mostram é que, conforme ocorreu com os artigos, o caso se repete com a anteposição do pronome ao nome. Nesse sentido, em (27) o pronome demonstrativo feminino acrescido do morfema *s* *essa* está anteposto ao nome também feminino. Semelhante modo ocorre com o pronome possessivo *minha* em (28). Com isso, os casos (27) e (28) estão de acordo com a regra de concordância do gênero.

Por último, na verificação dos determinantes e adjetivos que estão antepostos ao nome, observaremos a variação das ocorrências situadas nos adjetivos antepostos aos nomes. Um exemplo dessa variação de concordância pode ser observado no exemplo “**bonito** a bomba de água” (LIMA, 2007, p. 144).

Det.+ adj.+nome

adj. +nome

Nos casos dos adjetivos antepostos aos nomes não observamos nenhuma ocorrência na faixa etária acima 50 anos.

Diante do que observamos com relação aos determinantes (artigos, pronomes, numerais) e adjetivos antepostos ao nome, percebemos apenas um caso (20) em que o adjetivo não concorda com o nome. Nos demais, independente da idade ou do sexo, não houve

variação quanto à aplicação da regra de concordância de gênero. O que se observou quanto à concordância em número é que houve um caso, (3), que apenas na primeira posição do elemento pluralizável ocorre a marcação de número. Sabemos que na língua portuguesa brasileira, trata-se de uma variação recorrente, Mollica (2010, p. 18) explica porque. Segundo ela, a “marca de plural para a classe da oposição simples [...] apresenta frequências altas por se concentrar na posição 1, isto é, há maior ocorrência de marca do plural na primeira posição da constituição da frase, do que na segunda e terceira. Isso tem a ver, segundo essa autora, com a estrutura morfológica da língua portuguesa.

Esquematizaremos abaixo uma síntese sobre a ocorrência dos adjetivos, pronomes, numerais, artigos na posição anteposta ao nome:

Anteposto ao nome	
As	casa
Esses	prédio
Artigo, pronome dem. plural	Substantivo singular
Concordância no singular	

4.3 Determinantes e adjetivos pospostos ao nome

4.3.1 Variável idade: entre 18 e 30 anos.

Após ter analisado os casos cujos determinantes estão antepostos ao nome, passemos a verificar se há, nos exemplos coletados, ocorrência que não contempla a aplicação da regra padrão de concordância de gênero e número no sintagma nominal nos determinantes (artigo, pronomes, numerais) e adjetivos pospostos aos nomes, nas falas masculinas e femininas de pessoas pertencentes à faixa etária de 18 a 30 anos.

Dito isso, iniciaremos com os exemplos dos quais artigos, pronomes e numerais estão pospostos ao nome na seguinte estrutura:

Nome + pron.

(30) *Família meu ta num azar*

- (31) *Hoje não tenho **aula nenhum***
 (32) *Cartão autógrafo? Tem **gente meu** aí?*

Det. + nome + pron

- (33) *Quantos que ficô **a mensalidade?**[...] vo paga **o meu***
 (34) *...uai, tira **a camiseta!** [...] só tem **esse** ...*

Os exemplos nos mostram que quando os pronomes estão pospostos ao nome a regra padrão de concordância de gênero não se aplica, uma vez que os pronomes possessivos são 1ª pessoa: *masc.= Meu /fem.= Minha*; 2ª pessoa: *masc.= teu/ fem.= tua*; 3ª pessoa: *masc.=seu / fem.= sua*, e concordam em “gênero e número com o substantivo que designa o objeto possuído; e, em pessoa com o possuidor do objeto” (CUNHA E CINTRA 2001, p. 319). Nesse sentido, nos exemplos (31) [...] *gente meu* [...], (29) *família meu* [...], (32) *mensalidade [...]* vou paga o meu vemos que os pronomes, mesmo precedidos por palavras femininas não concordam ao gênero do nome no sintagma nominal. Sendo o esperado: *gente minha, mensalidade [...]* vou pagar a minha, *família minha*.

No exemplo (30) o que se observa é que a falta de concordância gravita em torno do pronome indefinido *nenhum*. A ordem observada por Rocha Lima (2001) é que quando o pronome indefinido está posposto ao nome, seu sentido é negativo, como em *coisa alguma*. Em (30) [...] *aula nenhum* o pronome indefinido está empregado no sentido negativo, contudo não concorda em gênero com o nome substantivo feminino (uniforme) *aula*.

No exemplo (33) [...] *tira a camiseta!* [...] *porque só tem esse* observamos um caso em que o pronome demonstrativo não está de acordo com a norma prevista para concordância nominal no SN. Segundo Cunha e Cintra (2001. p. 336-337), os pronomes demonstrativos “reúnem o sentido de atualização” e faz “aproximar ou distanciar no espaço e no tempo” as coisas e as pessoas a que se referem. *Esse* é um pronome possessivo na terceira pessoa do singular e sua forma feminina é *essa*. Isso posto, notamos que no caso (33) o pronome possessivo *esse* atualiza o nome já dito, contudo não concorda em gênero com o nome ao qual retoma, *a camisa*. Nesse sentido, o esperado pela forma padrão seria: [...] *tira a camisa!*[...] *porque só tem essa*.

Verificaremos agora, se há variação quanto à aplicação da regra padrão de concordância de gênero nos exemplos em que os adjetivos estão pospostos aos nomes. Um exemplo dessa variação de concordância pode ser observado no exemplo: “bomba de água **novo**” (LIMA, 2007, p. 144).

Det. + N +Adj.

- (35) *A **resposta** **correto** era três mil reais;*
- (36) *Garanti **a** **meta** **atingido**;*
- (37) *Você viu **a** **carreta** **virado**?*
- (38) *...Mesmo com **a** **sirene** **ligado**...*
- (39) *A tia Maria também tava assim, com **a** **mão** **inchado**, pé inchado*
- (40) *Vô numa festa, **a** **mesa** **cheio** de banquete....*

Det. + N +VL. + Adj.

- (41) *A **pessoa** é **enjoado** rapaz!*

N + VL. + Adj.

- (42) *O motorista já sabia que **a** **reserva** tava **estragado***
- (43) ***Mamadeira** tá **pronto**?*
- (44) ***Maria** tá **cansado***

Det. + N + Adv.+ Adj.

- (45) *Vai fazendo **as** **consulta** lá **necessário**;*

N + Adv.+Adj.

- (46) *Vai **Maria** sento lá e fico **queto**!*
- (47) ***Marlí**, senta lá **quetinho**.*

N + Adj.

- (48) **Gelatina** mole ou **duro**?
 (49) *you tem **música** de João Bosco e Vinicius **novo**?*
 (50) *Na verdade, you tem que verificar aonde tem **gente contratado***
 (51) *Isso é coisa de **gente safado**,*
 (52) **Gente folgado**...

Com base nos exemplos acima, foi possível observar que a variação da regra padrão de concordância de gênero é mais recorrente quando os adjetivos estão pospostos ao nome.

Observamos alguns poucos casos na estrutura **Det. + N + VL. + Adj.** (41) *A **pessoa é enjoado** rapaz!* e **N + VL. + Adj.** (44) *Maria tá **cansado**.* O que se percebe é que, estando o nome ou não precedido do determinante, a concordância entre nome e adjetivo não ocorre. Semelhante variação acontece na estrutura **Det. + N + Adv. + Adj.** (45) *Vai fazendo **as consulta lá necessário*** e **N + Adv.+Adj.** (47) *Marli, senta lá **quetinho**.*

Observamos que, do ponto de vista teórico, o que Cunha e Cintra (2001, p. 251) dizem quanto ao gênero do adjetivo, “o substantivo tem sempre um gênero, o que não sucede com o adjetivo, que assume o gênero do substantivo”, e o que diz Rocha Lima (2001, p. 305) “se o adjetivo modificar um só substantivo, tomará o gênero e o número deste”, não se aplica nos exemplos acima.

No caso (45) *vai fazendo as consulta lá necessário*, além da falta de concordância em gênero, observamos também a falta de concordância em número, em que o esperado pela norma padrão, como vimos acima, é que o adjetivo concorde em número e gênero com o substantivo. O número é marcado pelo morfema *s* ao final das palavras. Segundo Rocha Lima (2001, p. 80), “O morfema de plural é o *s*”. Nesse sentido, (45) é um caso que observamos a marcação de número apenas na primeira posição do elemento pluralizável do sintagma nominal, o artigo *as*.

Percebemos que nos exemplos (48) **Gelatina mole** ou duro? e (39) *A tia Maria também tava assim, com a mão inchado, **pé inchado**,* ocorre um favorecimento para concordância entre o nome e o adjetivo. No caso (48), o adjetivo *mole* é uniforme, ou seja, só

apresenta uma forma para o masculino e para o feminino, o que pode ter favorecido a adaptação ao nome *gelatina*. Se trocássemos o nome *gelatina* (sub. fem.) por *livro* (sub. masc.) na estrutura **N + Adj.** *livro mole*, por exemplo, poderíamos notar que a concordância permaneceria. O mesmo ocorre no caso (39), pelo fato do nome *pé* ser um sub. masc., ao contrário de *mão* sub. fem., a concordância é mais favorável de ocorrer.

Esquematizaremos abaixo uma síntese quanto à ocorrência dos adjetivos, pronomes, numerais, artigos na posição pospostos ao nome:

Posposto ao nome	
Família	Nenhum, esse, meu bonito
Substantivo feminino	Pron. indef., dem, poss. Adjetivo
Concordância no masculino	

4.3.2 Variável idade: Acima de 50 anos

Com base nos exemplos abaixo, observaremos se nas falas masculinas e femininas das pessoas acima de 50 anos há variação quanto à aplicação da regra padrão de concordância nominal nos artigos, pronomes, numerais e adjetivos pospostos aos nomes.

Nome+pron.

(53) *Eu não atendi ocê porque eu não vi **chamada nenhum***

(54) *...**mulher** é assim mesmo, o que é nosso é **deles** [...]*

(55) *Márcia morreu feliz, gastou bem. Marido vai arrumá **outro** (mulher), ainda **bonito***

O exemplo (38) ***mulher** é assim mesmo, o que é nosso é **deles** [...]* o nome *mulher* está sendo retomado pelo pronome 3ª pes. pl. masc. *ele* acrescido da preposição *de* (formando assim o pronome possessivo *dele*). Observamos nesse caso uma construção de concordância

no SN⁵ não recomendada pela gramática normativa, pois o esperado seria que o pronome concordasse em gênero com o nome substantivo feminino de quem se fala, *mulher*.

Em (56), observa-se que, estruturalmente, o pronome indefinido *outro* e adjetivo *bonito* estão em conformidade com a regra padrão de concordância, *outro, ainda bonito*. Contudo, no contexto da fala, o pronome indefinido masculino *outro* refere-se a nome feminino (mulher). Nesse sentido, o adjetivo biforme *bonito* não se adaptou ao gênero do nome a que se refere, conforme o esperado. Em (54) observamos a mesma ocorrência já discutida no exemplo (31).

Det. + nome+adj.

(56) *Na sexta feira passado....*

(57) *Ele tah com a diabete alto*

Nome + adj.

(58) *Ropa sujo*

(59) *Mil e poucas galinhas véio lá*

(60) *Não sei se não tratô no lugar certo ou coisa certo, não sei...*

(61) *Agora to melhor, esses dias tava tudo inchado, mão inchado, pé inchado...*

Nome + vl. + adj.

(62) *Pra Rose, qualquer mentira ta bom*

(63) *geladera tá estragado*

(64) *Essas meninas ta enrolado aqui rapaz*

(65) *A gente fica sentido*

(66) *Casa dele tá lá sujo,*

(67) *lá não tem ninguém...casa tá aberto*

(68) *Falô mal da muié... diz que não é bonito...*

⁵ Sintagma Nominal

Nome + adv. +adj.

(69) *Aí ele me deu um copo de água bem gelado*

Os exemplos nos mostram que, tanto nas estruturas **Det.+nome+adj**, **Nome+adj**, quanto nas **Nome+VL.+Adj.**, **Nome+Adv. + Adj.**, ora com mais recorrência, ora com menos, observamos a falta de concordância semelhante aos casos já discutidos, em que o adjetivo não se flexiona em gênero para concordar com o nome. No caso (64), além da falta de concordância de gênero, não ocorre a concordância de número. O esperado pela norma padrão em todos os casos como, **Det.+nome+adj** (56) *Na sexta feira passad-a...*, (57) *Ele tá com a diabete alt-o*, **Nome+adj**. (58) *roupa suj-a*, **Nome+VL.+ Adj.** (62) *Pra Rose, qualquer mentira tá boa*, **Nome + Adv. + Adj.** (69) *Aí ele me deu um copo de água bem gelada*. Com o caso (61), ocorre a mesma ocorrência já discutidas nos exemplos (39) e (48).

Esquematizaremos abaixo uma síntese quanto à ocorrência dos adjetivos, pronomes, numerais, artigos na posição posposto ao nome:

Posposto ao nome	
Mentira	Nenhum, outro, bom
Substantivo feminino	Pron. indef., dem, . Adjetivo
Concordância no masculino	

Considerações finais

Diante dos dados aqui analisados, podemos concluir que, na comunidade estudada a concordância nominal sofre variação. Por meio das tabelas podemos perceber que quando os determinantes artigos, pronomes e adjetivos são empregados antepostos aos nomes, a variação quanto à aplicação da regra padrão, é pouco recorrente. Foram observadas na estrutura **Det. + pronome + nome**, **Pron. + det. + nome** e **pron. + nome**, três ocorrências nas falas das pessoas mais jovens.

Nas falas das pessoas mais velhas, na estrutura **Det. + pron. + nome**, **Det. + Adj. + nome**, não observamos ocorrência na variação da regra padrão de concordância de gênero quando os determinantes e adjetivos estão antepostos ao nome. A exceção é o exemplo (23) que apresentou variação de concordância de número. Na estrutura **Det.+ adj.+nome** e **adj. + nome**, não verificamos nenhum emprego dos adjetivos antepostos ao nome.

Quanto aos casos em que os determinantes foram empregados pospostos aos nomes, observamos grande número de recorrência, tanto na variável idade, quanto na variável sexo. Os casos observados que apresentaram maiores índices de variação quanto à regra padrão de concordância de gênero foram percebidos na estrutura **Det. + N +Adj.** e **N + Adj.** Em sua pesquisa, Lima (2007), um autor que tem uma explicação para a ocorrência desse fenômeno: “o adjetivo quando posposto favorece a não-concordância” (PETTER 1999:113 apud LIMA 2007, p.146). O que observamos também é que, de uma maneira geral, os nomes aos quais os adjetivos estavam pospostos, são nomes femininos uniformes epicenos ou sobrecomuns dos quais os adjetivos não adaptou-se o gênero do substantivo, com isso, a concordância não ocorre. Verificamos com base no caso (39) pé *inchado* que quando os adjetivos estão pospostos a nomes uniformes masculinos ocorre a concordância.

De uma maneira geral, observamos que os nomes apresentados nas falas dos vilabelenses como, *meta*, *mão*, *mesa*, *pessoa*, *consulta*, *gelatina*, *questões*, entre muitos outros, compõem os nomes substantivos classificados por Cunha e Cintra (2001) e Rocha Lima (2001) por substantivos uniformes de gênero feminino. Com isso observamos que, o adjetivo não se flexiona ao gênero do substantivo. Para entendermos melhor o porquê esse fenômeno ocorrer, recorreremos ao conceito que Lopes (2003) faz a respeito dos gêneros: para ele, os gêneros dos adjetivos fazem parte de uma categoria “inserida na estrutura superficial do enunciado”, ao passo que dos substantivos são inseridos na estrutura profunda, não marcada.

Isso quer dizer que, o mecanismo de marcação de gênero por flexão ou derivação, nos casos desses adjetivos, não ocorre, isto é, para que o adjetivo concorde em gênero com o substantivo, precisa passar por um “processo comunicativo aditivo sem alternância redundante”, por exemplo, amigo + **a** > amigo**a** > amiga. Vejamos o caso (52) *Gente folgado*. Para o adjetivo *folgado* concordar com o nome, precisaria passar pelo processo: folgado + **a** > folgado**a** > folgada**a**, o que observamos no falar vila-belense é que esse processo não se completa.

O Censo IBGE de 1991 apontou que Vila Bela da Santíssima Trindade possuía 13.693 habitantes. No ano 2000, a população sofreu um leve decréscimo totalizando 12.665, e, 10 anos depois, em 2010, último Censo Demográfico, Vila Bela conta com 14.493 habitantes. Esses dados nos mostram que a população vila-belense obteve pouco crescimento ao longo de 20 anos. Além disso, como foi observado no capítulo I desse trabalho, Vila Bela é uma cidade pacata e preserva o estilo de cidade histórica, suas ruas são estreitas e apesar de seus 260 anos, não sofreu significativos desenvolvimentos ao longo desses anos. Concluimos então que esses fatores podem ter influenciado naquilo que os resultados de nossa pesquisa com relação a variável faixa etária nos mostram. Ou seja, os números de ocorrências da variação da concordância nominal, principalmente em gênero, entre as pessoas mais velhas (acima de 50) e as pessoas mais jovens (18 a 30 anos) não sofreu decréscimo significativo, pelo contrário, se mostraram estáveis. Isso quer dizer que a população vila-belense não sofreu interferências externas significativas o que favoreceu a preservação do seu estilo e de sua linguagem.

Referências

- ALKIMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A.C. (orgs.) **Introdução à linguística**. São Paulo: Cortez, v. 1, 2001.
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação lingüística. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- _____. (2009). **Não é Errado Falar Assim**. São Paulo, Parábolas.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território Negro em espaço Branco**: estudo antropológico de Vila Bela. São Paulo: Brasiliense/ CNPq, 1988.
- BERLANDI, A. C. B. e TARDIVO, V. P. K. e KABEYA. **Vila Bela da Santíssima Trindade: Manifestação de fé e Cultura**. Alta Paulista. ANAP, 2010: Disponível em: <http://www.amigosdanatureza.org.br/publicacoes/index.php/forum/article/view/40>. Acessado em 08 de outubro de 2012.
- BIDERMAN, M.T.C. **A categoria do gênero**. 156f. Tese (Livre-docência) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- BRASIL. Informações do. **Censo Demográfico Completo de Vila Bela da Santíssima Trindade – MT**. 2010. Disponível em: <http://www.informacoesdobrasil.com.br/dados/mato-grosso/vila-bela-da-santissima-trindade/censo-demografico-2010/> >. Acessado em: 17 de outubro de 2012.
- CAMARA JR., J. Mattoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- CARVALHO, E. Prefácio. In: ARAÚJO, B. D. (orgs) **Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. Cuiabá, MT: M. Vilela, 2001. Edição bilíngue: português – inglês. CDD-779.93942650981722.
- CARVALHO, S. A. A Festa. In: ARAÚJO, B. D., (orgs) **Festa de Vila Bela da Santíssima Trindade**. Cuiabá, MT: M. Vilela, 2001. Edição bilíngue: português – inglês. CDD-779.93942650981722.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica de língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.
- CUNHA, Celso & CUNTRA, Lindley. **Nova gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vila Bela da Santíssima Trindade - MT**. 2010. Disponível em:

<<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/SINTESE.php?nomemun=Vila%20Bela%20da%20Sant%EDsima%20Trindade&codmun=510550&tema=sintese&desc=S%EDntese%20das%20Informa%E7%F5es&legenda=Fonte%3AIBGE%20-%20Instituto%20Brasileiro%20de%20Geografia%20e%20Estat%EDstica&uf=mt&r>>. Acessado em 16 de outubro de 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Vila Bela da Santíssima Trindade - MT**.2010. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=510550#>> Acesso em 21 de novembro de 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sapezal - MT**.2010. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sapezal>> Acessado em 21 de novembro de 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Lucas do Rio Verde - MT**.2010. Disponível em:<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas do Rio Verde](http://pt.wikipedia.org/wiki/Lucas_do_Rio_Verde)> Acessado em: 21 de novembro de 2012.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Sinop - MT**.2010. Disponível em:<<http://pt.wikipedia.org/wiki/Sinop>> Acessado em 21 de novembro de 2012.

ILARI, Rodolfo. e BASSO, Renato. **O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos** Cap. Português do Brasil: a variação que vemos e a variação que esquecemos de ver, p, 145-149. Ed. Contexto, 2006, São Paulo.

LIMA, Jose Leonildo. (2007) **A variação da concordância do gênero gramatical no falar cuiabano**. 261 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Ensino a Linguagem , Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. (2000) **Vila Bela da Santíssima Trindade – MT: Sua Fala, Seus Cantos**. 232 f. Tese (Mestrado em Linguística) - UNICAMP. Campinas, SP.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

LOPES, C. A. G., **Lições de Morfologia da Língua Portuguesa**. Ed. Tipô Carimbos, 2003, 192p., 21cm. Bibliografia: 85-903606-1-X

MCCLEARY, Leland. (2007) **Sociolinguística**. Curso de Licenciatura em Letras-Libras - UFSC

MESQUITA, J. B. **Piedade**, Instituto Histórico e da Academia Matogrossense de Letras. Escolas Profissionais Salesianas - Cuiabá 1937.

MOLLICA, M. C. e BRAGA, M.L. **Introdução à sociolinguística o tratamento da variação**. Ed. Contexto, 2003. 200 p., 23 cm (Fundamentação Teórica: Conceituação e delimitação). Bibliografia: ISBN 857244-222-7.

PAGOTTO, Emílio G. Norma e condescendência; ciência e pureza. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, 1998, vol. 2, p. 49-68.

PERINI, M. A. **Gramática Descritiva do Português** – Ed. Ática 4ª edição, 2004. 380 p., 21 cm. Bibliografia: ISBN 85 08 05550 1.

SANDMANN, A. J. **Morfologia Geral** – Ed. Contexto 3ª edição, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação:** Uma Proposta para o Ensino de Gramática. Ed. Cortez, 9ª edição. São Paulo 2009.

VIEIRA, S.R.; BRANDÃO, S.F. (orgs.) 2007. **Ensino de Gramática:** descrição e uso. São Paulo: Contexto.

ANEXOS

Corpus para análise

A variação da concordância nominal no falar vila-belense

Homem acima de 50

Indivíduo A

1. Eu não atendi ocê porque eu não vi chamada nenhum
2. Falando de mulher: Colocô a sogra lá encima...foi esperá, tá novo
3. Pra Angela, qualquer mentira tah bom
4. Na sexta feira passado os meninos disse que Oliveira tava em Pontes e Lacerda, porque não posso aqui né?!
5. Casa dele tá lá sujo, geladera tá estragado
6. Mil e poucas galinhas veio lá

Indivíduo B

7. ...mulher é assim mesmo, o que é nosso é deles e o que é deles é deles....risos
8. Não sei se não trato no lugar certo ou coisa certo, não sei...
9. Falô mal da muié... diz que não é bonito...
10. Essas meninas ta enrolado aqui rapaz...
11. Plantar com máquina é melhor que sameá....com a máquina ela fica certinho

Homem mais ou menos de 18 a 30

Indivíduo A

12. Essa data aqui, foi a data que ele foi feito, a a a... a dívida
13. A resposta correto era três mil reais
14. Em um diálogo: A pergunta: ela é de que? Reposta: é aposentado;
15. Garanti a meta atingido;
16. A parte inferior fica 50% certinho;

- 17. Uai Joyce, a sua mesa ta ficando bonito;
- 18. A pessoa é enjoado rapaz!
- 19. Vai fazendo as consulta lá necessário
- 20. Cartão autógrafo? Tem gente meu aí?
- 21. Gelatina mole ou duro?
- 22. Puro veio a Edivânia

Indivíduo B

- 23. Vo numa festa, a mesa cheio de banquete, cê acha que vo fica só olhando pra ele? Vo comee...(risos)
- 24. Eu respondi trinta por cento das questões que eu julguei certo
- 25. Minha moto tá estragado

Mulher mais ou menos de 18 a 30

Indivíduo A

- 26. Vamos lá na igreja beber água, tá aberto
- 27. Quantos que ficô a mensalidade? Trinta e cinco reais? Amanhã vo paga o meu
- 28. ...Mesmo com a sirene ligado...
- 29. você tem música de João Bosco e Vinicius novo?
- 30. - um Cleize tá cansado
- 31. Cleize sento lá e fico queto!!!
- 32. Esses prédio é tudo igual(número)
- 33. Cê qué vê as casa onde foi construído?
- 34. Na verdade, você tem que verificar aonde tem gente contratado
- 35. Família meu ta num azar
- 36. Os três ultimo que chego agora é tudo de fora (número)
- 37. Ai amor, eu liguei enganado
- 38. A tia Maria também tava assim, com a mão inchado, pé inchado
- 39. Hoje não tenho aula nenhum
- 40. Essa havaiana é novo?

Indivíduo B

41. Célia, senta lá quetinho!
42. Mamadeira tá pronto?
43. O motorista já sabia que a reserva tava estragado
44. Você viu a carreta virado?
45. Quando eu ficar veio
46. Você voltou usá o gel que sapeca seu orelha
47. ...uai! tira a camiseta, é bom que tire mesmo porque só tem esse daí..
48. Vô guarda essa apostila, podia ter sido aprovado
49. Ela qué sabê o que ele faz, e tá certo
50. Depois que casá vai puxar bem o saco....ahã...vai ficar igual bobo
51. Isso é coisa de gente safado,
52. gente folgado...
53. já pensô se a gente esperasse, ia ficá madrugada na estrada
54. I essa blusa ghente?! Tudo marrotado
55. Fiquei revoltado

Mulher acima de 50

Indivíduo A

56. Zozima morreu feliz, gastou bem...marido vai arrumá otro....ainda bonito (risos)
57. A gente fica sentido...
58. Ele ta com a diabete alto

Indivíduo B

59. Aí ele me deu um copo de água bem gelado
60. Eu vô vê minha ropa, tá bateno e lá não tem ninguém...casa tá aberto
61. Agora to melhor, esses dias tava tudo inchado, mão inchado, pé inchado...